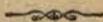




Luis Augusto Rebello da Silva.

Alonso sc.

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA



Quem passasse em alguma das noites do inverno de 1838 pela rua da Atalaya, não poderia deixar de fazer reparo no primeiro andar de um predio de acanhada e singela frontaria, que ainda hoje lá existe, porque atravez das vidraças das janellas do primeiro andar d'esse predio veria uma illuminação desusada, e poder-se-hia dizer até esplendida, a attender á parcimonia de luz que habitualmente bruxeleia nas pequenas casas d'aquella rua do interior do Bairro-Alto. Vozes acaloradas, como de homens que apostrophavam, ou que ensaiassem as diversas entoações declamatorias de um empolado sermão, soavam de dentro, sendo não poucas vezes interrompidas ou abafadas pela clamorosa algazarra de muitos individuos, que todos disputavam, ao que parecia de fóra.

A estranheza da scena, e uma luz que soluçava mortíça n'uma enferrujada lanterna de folha, na escada, e que como que convidava a subir, dizendo-nos que a funcção era publica e a entrada franca, tudo isto picava a curiosidade ao caminhante, e o incitava por fim a subir. Chegado a cima, via uma pequena sala disposta á maneira de parlamento. A presidencia occupava o tópo da casa: renques de bancos, collocados como na platéa de um theatrinho particular, enchiam o resto da sala, deixando apenas uma estreitissima nesga de espaço para a *galeria publica* (nem isso faltava!), que eram duas fileiras de assentos de pinho, os quaes ficavam logo á entrada da porta principal, para maior commoidade do visitante estranho que concorresse a presenciar estas polemicas oraes em miniatura, comparadas com o que então já se passava nas nossas assembléas politicas.

Uma multidão de individuos occupava os logares todos. No meio, de pé, via-se o orador, bracejando com energico e intimativo accionado; e se nem sempre prendia o auditorio pelos primores oratorios de uma eloquencia já auctorisada pelos seus triumphos, nunca mais arrojados themes, nem arremettidos com mais temeraria e reformadora philosophia o curioso depararia em logar nenhum de discussão.

Esta casa era o berço da Sociedade Phylomatica, sociedade que depois tanto floresceu, abrangendo no seu gremio toda a nossa mocidade letrada de então. As questões que lá se ventilavam eram nada menos do que a *influencia da civilização na historia; a reacção romantica e os effeitos da litteratura no occidente da Europa*, etc.; e os mancebos oradores que primavam n'estas controversias, exercitando já as forças de uma palavra que depois se tornou o ornamento e esplendor da tribuna parlamentar, ou de algumas cadeiras scientificas, eram muitos, como Thomaz de Carvalho, Vieira de Carvalho, Andrade Corvo, e entre estes Luiz Augusto Rebello da Silva.

Rebello da Silva tinha a este tempo 17 annos: os seus estudos reduziam-se ainda aos simples prèparatorios que um moço d'esta idade costuma ter apenas adquirido, embora o amor ás letras o chame já para o terreno difficil das altas questões philologicas. No entanto, não foi difficil de perceber n'elle desde logo o homem de intelligencia profunda, o espirito vasto, que na ascensão virtual do proprio talento, encontraria as concepções mais elevadas, e os fulgores de uma eloquencia imaginosa e abundante, com que podesse dar uma fôrma pomposa ás flores da sua phantasia.

E que época de fogo para as imaginações não foi esta em que os primeiros arreboes de uma aurora litteraria começavam de manifestar-se e fulgir! O movimento poetico, que rebentou com a restauração em França, trazendo á sua frente Chatabriand, mad. de Stael, Lamartine e Victor Hugo, foi só por este tempo que evidenciou os seu effeitos em Portugal. A guerra civil, terminada em 1834, havia-lhe suffocado muitos dos seus mais nativos e fogosos intuitos: mas tambem fôra o triumpho dos principios liberaes que trouxera a manifestação das novas doutrinas litterarias. Almeida-Garrett, o poeta soldado, o exilado no seio da *princeza ativa das armadas, no coito da foragida liberdade*, como elle chama á nobre Albion no *Camões*, inspirára-se de todo este movimento que então trazia em fermentação as imaginações em França e Inglaterra. Este movimento, excitado pelo ancioso desejo de elevar o ideal da natureza humana, abatido e aviltado pelo despotismo das glorias militares de Napoleão; este conjuncto de

doutrinas diversas, mixto de aspirações religiosas, de recordações do passado, das singelas e nativas tradições que haviam desferido o vóo das poeticas e melancolicas ribas do Rheno, como um sopro espiritualista das raças do Norte que invadissem e viesse purificar a atmospheria morna e viciada dos povos do Meiodia e Occidente da Europa; todos estes principios, todas estas impressões, todas estas exigencias moraes e intellectuaes crearam uma escola de innovadores ardentes, como Manzoni, Ugo Foscolo e Silvio Pellico em Italia, Walter Scott e Byron em Inglaterra, Victor Hugo, George Sand e Alfredo de Musset em França, e o duque de Ribas em Hespanha. O auctor da *Dona Branca*, que já sentia em si a alma e o fogo d'esta familia ideal, correu a alistar-se em torno do estandarte de tão grande revolução litteraria. O impulso dado foi communicativo; e a *Harpa do Crente* eccoou dentro em pouco, vibrando em sons propheticos as ferrosas e tristes endeixas que só sabe inspirar a tristeza suave do genio da poesia peninsular. A *Isabel* e o *Espectro*, poemas de José Maria da Costa e Silva, assim como *A Noite do Castello* e os *Ciumes de Bardo*, são tambem inspirações da mesma musa. Aceitando a doutrina de que as artes devem de ser a expressão das intimas e verdadeiras impressões da alma, e sentindo inflamar-se-lhes a imaginação com a leitura das melhores obras de Goethe e Schiller, com os poemas de Byron e com os romances de Walter Scott, todos estes homens distinctos instinctivamente se colligaram n'esta cruzada, esforçando-se por imprimir á litteratura patria um cunho de nacionalidade que havia perdido desde os fins do seculo xvi. «O genio da poesia nacional (dissemos já n'outra parte), como presentindo o largo periodo de olvido a que seria votado, havia soltado os seus ultimos lamentos de despedida nos sentidos cantos do *Affonso o africano*, de Quebedo, e na maviosa e dolorida narrativa do *Naufragio de Sepulveda*, de Corte Real. Depois d'isto nada mais se ouvira de verdadeiramente portuguez, nem no sentimento, nem na linguagem. As diversas manifestações da arte, da arte filha genuina do sentimento peninsular, mixto da influencia christã e das tradições cavalleirosas da idade-média e das lendas arabes, jaziam opprimidas e despresadas pela tyrannia das doutrinas da litteratura mythologica, doutrinas sem rasão de ser para nós, nações educadas nos principios de uma religião espiritualista, nem comprehensíveis, nem acolhidas no animo do povo. Que sabia o povo de Jupiter com o seu Olympo, e de Venus, a lasciva e formosa esposa de Vulcano? A vista esplendida do firmamento, nas horas da magestade silenciosa da noite, dava mais azas á imaginação

*

poetica, do que toda a comitiva impudica das divindades pagãs de Hesiodo e Homero.»

Mas esta quadra do dominio classico passou. O *Genio do Christianismo*, *René*, *Faust*, o *Child-Harold*, as *Orientaes* e as *Harmonias*, inspirações sopradas de diversos pontos e illuminando almas que despediam vãos para horisontes bem oppostos, mas que todas reagiam, com a audacia de um pensamento que devassa novos segredos á arte e os divulga, contra o dogmatismo das regras antigas, foram as producções que fundaram a nova escola, que lhe servira de modelo, que accenderam o estro aos novos escriptores, e que não poucas vezes tambem os desvairaram por essas veredas ingremes e apertadas de precipicios, que têm, de um lado, a imitação servil que absorve toda a individualidade, e do outro o pruido da originalidade, que leva á exaggeração e ao ridiculo.

É impossivel negar que a reacção romantica rasgou novos horisontes e encheu de luz e de vida perspectivas, que os preceitos da litteratura antiga, levados á obstinação de systema absoluto para todas as fórmas do pensamento, conservavam envolvidas n'um véo denso, que só mãos audazes se abalançaram a descerrar. Lamartine elevou a poesia ás regiões do espiritualismo e do amor, mas do amor que se purifica na propria intensidade das chammas que o accendem; em quanto que Victor Hugo a penetrou dos esplendores e da sonoridade do mundo exterior. Mas tambem é innegavel que esta reacção trouxe consigo os seus effeitos, como sequito natural que acompanha sempre tal natureza de acontecimentos. A exaggeração, que se manifestou nos espiritos, reflectiu-se no mesmo instante em todas as obras. A impressão estranha das theorias innovadoras; o deslumbramento que se seguia, como um phenomeno natural, á apparição dos novos astros que surgiam nos horisontes da arte; o receio de ainda se mostrar subjeição aos dictames da velha escola, tudo isto levou as idéas a uma tal anarchia, que se tornou manifesta, como um effeito necessario d'esta causa, a hesitação nos primeiros passos dados nas sendas que o arrojo reformador acabava de abrir e franquear aos talentos que ambicionavam uma estrêa nos differentes dominios da litteratura.

E d'estas origens deriva a agitação febril, nasceu a ambição desmedida, as lastimaveis e singularissimas pretensões de originalidade, que se patentearam em muitas producções inconsistentes e exaggeradas.

Comtudo, foi esta uma época de entusiasmo e quasi que de delirio; mas do nobre e solemne delirio que solta azas de fogo em desmesurados arrebatamentos, e que só é delirio porque a

imaginação vòa para alturas de regiões até ahí desconhecidas; delirio a que Voltaire chamou *diable au corps*, e os antigos *sacra furia*. Havia vida, havia impulsos de resolução generosa, havia ardentes e fervidos incentivos a que obedeciam espontaneos os espiritos, inflammados pela atmosphera de fogo das novas inspiraões. Publicava-se um livro e a critica (a critica d'esse tempo que era benevola e entusiasta tambem, que era a primeira a occolher e a proclamar todas as tentativas e a preparar logar para todos os talentos); publicava-se um livro, repetimos, e a critica apressava-se a annuncial-a, a encarecel-a, a rodeal-a de prestigio e bom nome, de leitores e de radiosos e fecundos destinos. Era uma litteratura *amiga*, sim, mas cujos pensamentos, cujos nobres e ardentes instinctos, cujas ambições justificaveis e que convergiam todas para um mesmo e glorioso fim, que era a inauguração de uma nova e esplendida era litteraria, se animavam e inspiravam do unico sentimento que póde inspirar as grandes revoluções do espirito humano. Esse sentimento era o amor das nossas coisas; amor excitado pelo movimento intellectual que acabava de gyrar uma parte da Europa, mas que entre nós se converteu n'um desejo constante e geral de fazer resuscitar as nossas tradições patrioticas e os melhores modélos da litteratura nacional. Basta citar aqui uma parte do prefacio dos editores do *Auto de Gil Vicente*, applaudissimo drama que appareceu então como a primeira e mais valiosa pedra do nosso theatro moderno, para se julgar do enthusiasmo com que se recebiam acontecimentos d'esta ordem. «A apparição d'este drama (dizem os editores) fez uma época na historia de Portugal. D'então verdadeiramente é que se começou a pensar que podia haver theatro portuguez. Toda Lisboa foi á Rua dos Condes applaudir *Gil Vicente*; todos os jovens escriptores quizeram imitar o *Gil Vicente*. Toda a imprensa periodica celebrou este acontecimento nacional com enthusiasmo. Se ladrou algum zoilo, foi de modo que se não ouviu; latido que se perdeu entre as acclamações geraes.»

Agora ouçamos o proprio auctor, e seja elle que nos diga quaes os sentimentos que o animavam n'esta quadra de tanta vida e esperanças para as nossas letras—«O que eu tinha no coração e na cabeça — a restauração do nosso theatro—seu fundador *Gil Vicente*—seu primeiro protector el-rei D. Manuel—aquella grande época, aquella grande gloria—de tudo isto se fez o drama.» Eis como se exprimiu o visconde d'Almeida-Garrett. Era um nobre e fecundo pensamento que desabroxava ao sol de uma esplendida era litteraria. Em roda tudo refulgiam esperanças, luz e vida.

Esta época não vae longe; apenas teem decorrido vinte e tantos

annos; e comtudo, comparados os seus nobres e ardentes impulsos de enthusiasmo, o movimento, o calor, o fogo que impellia e estimulava então os espiritos, com a frieza, com a apathia e quasi com o desapego de tudo e de todos que hoje resfria as almas e lhes encolhe as azas para todos os vôos de largo e audacioso alcance, como distantes se nos affiguram todos esses acontecimentos! Parece tudo isso uma illusão dos sentidos, ou um jogo de optica que nos surja diante dos olhos. Os mancebos d'esse tempo são apenas hoje homens feitos, e todavia são elles os proprios que se recordam com o sorrir nos labios, mas com o amargo sorrir que sente um espinho de saudade pungir o coração, d'esses dias de exaltação e embriaguez, em que o triumpho de um drama, em que a estrêa de um livrinho de versos era o mais applaudido e almejado acontecimento que aquelles animos ainda juvenis poderiam desejar.

Mas esta reacção teve os seus excessos, e os seus devaneos, como todas as reacções. O desejo de resuscitar a idade-media com todos os seus castellos e castellãs, arnezes e morriões, adarves e pontes-levadiças; com as suas cathedraes gothicas e ogivas de vidros de côres; criptos povoados de espectros e tradições legendarias que no culto popular tinham a sua crença poetica e litteraria, todas estas inspirações tristes e sinistras enluctaram as imaginações. A estas predilecções, que não foram outra coisa senão a resurreição d'este genero de litteratura, veio ajuntar-se o gosto exaggerado da historia patria, mas aberta nos proprios capitulos, em que as sevicias e flagicios dos senhores feudaes davam assumpto ás imaginações romanescas para crear perseguições, captiveiros e phantasmas em todos os palacios senhoriaes, e em todas as torres que, a dependurarem-se das fragas das serranias, derrocadas e meio escondidas em pontos e matagaes, ainda mais tenebrosas se tornavam, escondidas pela superstição de povo nos mysterios romanescos e tenebrosos da escuridão dos seculos. A historia de Inglaterra romanciada por Walter Scott, a *Notre Dame de Pariz* e os romances historicos de Alexandre Dumas inspiraram ao illustre auctor do *Eurico* a *Abobada* e o *Mestre Gil*, estudos em que as tradições legendarias reassumiram as feições que só a profunda investigação archeologica sabe recompor e animar. O genio litterario dos nossos mancebos escriptores despertou e accendeu-se em emulação a este chamamento feito pela auctoridade de um nome, constelado pelos prestigios do talento e do saber, e ainda mais pelos fulgores dos triumphos que tão patrioticas e inspiradas paginas acabavam de conquistar. E o sr. Alexandre Herculano, como o visconde d'Almeida-Garrett, não foram unicamente um exemplo e um modelo para a mocidade estudiosa que então al-

vorecia para as letras; um e outro foram os mestres, os chefes de uma escola, pela solicitude com que ora accudiam á vocação que se via entregue apenas aos seus esforços vacillantes, ora proclamavam com a sua palavra auctorizada os talentos já provados em auspiciosas tentativas. Rebello da Silva foi um dos discipulos mais distinctos d'esta escola. No *Cosmorama litterario*, jornal da Sociedade Escolastico-Phylomatica, já elle tinha ensaiado alguns generos, sobresaindo o romance historico a *Tomada de Ceuta*. Mas a sua verdadeira estrêa, n'esta especialidade, deve de considerar-se o *Ráusso por Homisio*, publicado na *Revista Universal* de 1842 e 1843. Basta attentar no titulo d'esta obra, para perceber logo que se trata de um estudo historico levado aos extremos das investigações da archeologia. Effectivamente, o gosto exagerado das lendas e costumes da idade-media, época que o movimento romantico, com todas as predilecções da sua indole, havia contraposto ao predominio das influencias classicas, obrigára a imaginação dos romanistas e dramaturgos a voar pelas regiões enubladas do passado, fazendo consistir o principal merito das suas producções na reprodução exacta d'esses costumes semi-gothicos, costumes a que o brial recamado da cavallaria, esforçando-se pelo envolver no fulgor das instituições da gentileza militar, não conseguia esconder-lhes todavia a ferocidade dos instinctos trazidos das leis sanguinarias das tradições guerreiras da velha Germania. Tudo isto apparece e tudo isto transpira do *Ráusso por Homisio*. Os codices do seculo xiv e do seculo xv, o amor das ruinas recommendadas pela superstição popular, e isto tudo esclarecido por Ducange, por Viterbo e Montfancon, tornára-se as fontes de inspiração e de ensino n'estas obras em que o poeta abatia as azas da phantasia diante dos escrupulos do antiquario.

Vieram depois tempos de critica mais atilada e de mais fino e acrysolado gosto, e esta nuvem, que entenebrecia os espiritos, dissipou-se, deixando ver amplos e radiosos horisontes. O estudo da historia não esqueceu; mas não foi inculcada só uma unica época como thema absoluto para todas as fórmulas da arte; o talento percorreu muitas outras e saltou até para fóra dos proprios limites da historia, consultando com mais acerto suas tendencias e aptidões. O *Odio velho não cansa*, novella historica tambem de Rebello da Silva, figura ainda como trabalho que pertence á ordem de idéas de que fallámos; mas a *Ultima corrida de touros em Salvaterra*, e sobretudo a *Mocidade de D. João V.* apresentam-nos já um novo aspecto tanto pelos instinctos que se manifestam, como pelas influencias a que cedem.

A *Ultima corrida de touros em Salvaterra* é apenas um episodio do

reinado de D. José I, que serve como de quadro á deploravel morte do conde dos Arcos, desventurado mancebo que no auge dos extremos da gentileza fidalga d'aquellas éras, achou termo a seus dias n'um combate de touros. Mas com que mão de mestre se não amplia e illumina este pequeno episodio, fazendo-o tomar as proporções rapidas, mas profundas, do esbôço de uma época historica! Como a descripção do brilhante concurso de espectadores na praça de Salvaterra nos apresenta, em vulto, animada de physionomia e de vida, a côrte d'aquelles tempos e os seus entretimentos, em que a polidez dos costumes trazidos pelos usos galantes e senhoris dos reinados de Luiz XIV e Luiz XV, ainda não amenisavam de todo a ferocidade dos instinctos peninsulares, que pediam á gentileza cavalleirosa dos torneios da idade-média a auctoridade de seu valor para se conservarem ainda como um dos distinctivos do arrojo e pericia da nossa nobreza! Com que garbo o extremado cavalleiro não percorre a praça, obrigando o fogoso ginete a executar todas as manobras em que a arte equestre o educára! Como depois o combate se trava, o interesse recresce, e a catastrophe se prepara! Por fim como lhe põem o remate as tintas vagas e sinistras com que Rebello da Silva pinta o terror dos espectadores, quasi que agourado pelo traje de lucto que vestia o joven conde dos Arcos, o *cavalleiro terno e galanteador*, na phrase expressiva de romancista, que tão romanesco nos torna este fidalgo com os tons magicos do seu pincel opulento de colorido!

Depois, como nos apparece essa figura veneranda e grandiosa do velho Marquez de Marialva, que esquecido dos annos, e com o sentimento da vingança tingindo-lhe o rosto das sombras da morte, pede ao rei licença para vingar seu filho!

Como tudo estremece, no ancian concentrado de uma dôr muda, á vista do aspecto sinistro do ancião! Não se ouve um som articulado. Parece que um peso enorme confrange o peito a todos os espectadores, gellando-lhes a palavra nos labios!

O assombro é a expressão de todas as physionomias!

O velho marquez caminha para o cadaver do conde, que jaz estirado na praça; ergue sobre elle a espada, como que jurando não a tornar a embainhar sem o ter vingado.

Em seguida espera impavido e ameaçador o touro no centro da arena; faz-lhe a sorte com a galhardia audaz dos annos juvenis: o animal corre, investe, e depois estaca e vacilla: a terrivel espada como o raio vingador, crava-se-lhe no centro das espaldas ao som dos clamores que irrompem de todos os angulos do amphitheatro.

Este triste incidente termina, vendo-se o marquez de Pombal que assoma na tribuna do rei. O secretario de D. José i viera de Lisboa communicar ao monarcha a declaração de guerra que acabava de nos fazer a Hespanha em nome do seu soberano. De costas viradas para os espectadores, e com as sombras da indignação carregando-lhe o rosto, a figura elevada e magestosa de Sebastião José de Carvalho apparecia ali como a censura ácre d'aquelles lastimaveis acontecimentos. Era a imagem da civilisação que surgia no centro de tão sanguinario e atroz espectáculo, para o condemnar e banir.

E como a pena de Rebello da Silva descreve toda esta successão de transes alternadamente festivos e angustiosos! Parece que a praça real de Salvaterra se desenrola diante de nossos olhos com todo o bulicio faustoso d'aquella festa nacional! Erguem-se vivos os personagens d'esse episodio que finalisou por um dos mais infaustos dramas da época. É um primor de estylo descriptivo. As reflexões do historiador e do critico ampliam consideravelmente a moldura do quadro: é apenas um acontecimento, mas no centro de uma grande época; e essa grande época resume-a o escriptor, pelo seu miraculoso talento synthetico, nos traços geraes que tão naturalmente nos dão a physionomia completa e exácta de um reinado.

A *Ultima corrida de touros em Salvaterra* foi trázida e publicada pela *Patrie*: e mereceu-o, porque a lingua portugueza, nem mesmo outro qualquer idioma, possui muitas d'estas paginas, onde se casam tão espontaneamente tres das maiores qualidades do verdadeiro escriptor: a faculdade descriptiva, que, como o pincel de Rembrandt, enche de vida, de relévo e de luz as menores combinações de um vasto plano: o instincto da observação, que não deixa escapar ao character um traço que o indique, ao coração um gemido que o denuncie, ao espirito um desabafo que o patenteie: e a alta concepção da idéa que alevanta todos os factos da historia, todas as particularidades da vida exterior, todos os variados phenomenos do nosso ser moral á esphera dos grandes pensamentos, e que vendo tudo de uma grande altura póde voar pelos espaços illimitados onde é dado deparar com as affinidades, que são as verdadeiras harmonias do mundo moral e philosophico.

Estas tres condições entram poderosamente na composição do talento de Rebello da Silva, e a individualidade do seu estylo é o resultado symetrico e maravilhosamente equilibrado d'este complexo de dotes. Da elevação da idéa nasce espontanea a magnificencia da imagem; e esta inspira-se da verdade do espirito ana-

lytico, que observa, molda e dá vulto aos objectos, abrilhantando-os ao mesmo tempo da riqueza de tintas, cujos segredos se encontram unicamente na palheta dos grandes coloristas.

A *Mocidade de D. João V* é já uma obra de vastas proporções, porque abrange as mais occultas e poderosas relações politicas de um reinado, reinado ainda grande pelo seu poder, e pelo seu esplendor; porque D. Pedro II, com cuja morte fecha o romance, apesar de já declinar rapido para o estado de decadencia moral a que a interferencia absoluta do clero nos negocios publicos o levára a elle e aos interesses do reino, deixa comtudo ainda após si os elementos para se poder reconstruir uma época que, pelos rasgos da munificencia real e fausto de uma côrte rica, senhoril e galante, dá a lembrar os contemporaneos esplendores da côrte de Luiz XIV, a quem D. João V tomou mais de uma vez por modelo e por émulo. O convento de Mafra, a capella de S. João em S. Roque, e o aqueducto das Aguas-Livres, são obra de um só reinado e todas ellas do Augusto portuguez.

Mas a *Mocidade de D. João V*, como estudo historico, como pretexto para desdobrar grandes e variadas galas de erudição, como galeria de typos, como observação e critica de caracteres, como amplo thema emfim para as largas considerações do historiador, do politico e do moralista, é um livro que encerra paginas em que brilham todos estes dotes; mas como romance, como fabula em que a imaginação improvisa um lance da vida, ou o aproveita, se o depara feito, e o enriquece, o multiplica, o desenvolve, o accrescenta, o rodeia de episodios, sem lhe quebrar o fio do interesse, antes augmentando-lh'o com os accidentes que occorrem sempre a agrupar-se em torno de todas as scenas da existencia, assim considerada a obra de Rebello da Silva faltam-lhe as condições essenciaes do romance. O plano não é largamente concebido, e a sua urdidura é frouxa, e intermeada de accidentes, como o capitulo do desafio do poeta, que, senão são estranhos de todo ao pensamento do livro, como pintura de época, lhe retardam a acção e addiem o desenlace, sem excitarem mais interesse ao leitor, como escripto de imaginação. Vê-se que a *Mocidade* fôra escripta aos quadros, para uma publicação periodica, e que não foi a natureza da publicação semanal que dividiu o romance, depois já de feito, mas o romance que acompanhou a publicação, nascendo dividido como ella. D'este escrever interrompido, e sujeito a capitulos, que o auctor desejava de certo emoldurar nos termos de interesse que devem acompanhar fragmentos que se lêem com tantos dias de intervallo, e que por isso mesmo obrigam a fazer de cada capitulo uma especie de painel sobre

si, nasceu porventura a quebra ou frouxidão da contextura geral que devêra ligar todo o romance.

Ha talvez outra falta na *Mocidade de D. João V*, que não terá escapado ao critico perspicaz, que é a falta de sentimento. O capitulo das *Tres Graças*, com rasão gabado como analyse do coração feminino, como conjuncto delicado e gracioso de tres retractos, cujo mimo de toque e realce de feições tanto o approxima-ria de um d'esses brincos de Poussin, se elle podesse dar falla e vida ás suas creações; como colloquio intimo de confidencias femininas é mais uma dissertação em que domina a metaphysica do sentimento, do que o sentir e pulsar do coração de tres donzellas. Thereza, Catharina e Cecilia discreteam ácerca das diversas theses do amor, como o fariam as discipulas de M^{lle} Scudéri, quando os impulsos do peito juvenil eram debatidos e regulados, n'um formulario invariavel, pelas Climenas e Phylamintas dos bons tempos do salão Rambouillet.

O que a *Mocidade de D. João V* é, sobretudo, é um magnifico quadro historico, alegrado, a intervallos de episodios facetos em que os dotes satyricos do escriptor despedem todas as setas do genio sarcastico de Rabelais, mas onde a concepção grandiosa de alguns caracteres ergue o pensamento ás considerações elevadas da historia e da politica. Os lances dramaticos que ligam as principaes figuras são apenas o pretexto para as trazer aos differentes planos do quadro e agrupal-as. D'entre estas figuras surge, como a primeira, o padre Ventura, magestoso vulto que realisa o ideal da Companhia de Jesus, como a instituiu Ignacio de Loyola. Não é o jesuita vulgar, o jesuita historico, arguido e vituperado; não é o Rodin de Eugenio Sue, que pratica *até o bem*, para chëgar aos interesses positivos e ignobeis da ordem; é a figura grandiosa de Miguel Angelo Tamburini, geral da Companhia de Jesus, que explica no conselho secreto o vasto plano que abrangia todas as influencias da época; plano que, animado e dirigido pela congregação dos homens que só a intelligencia, a dedicação, a supremacia social e um sigillo enquebrantavel reuniam n'um vasto e occulto poder, alcançaria chegar a dominar os thronos e os povos, sem offensa para nenhum e verdadeira exaltação do pensamento que operasse obra tão universal. Era esta o sonho do *Quinto Imperio*, não o das trovas sabasticas, mas o das ambiciosas concepções d'aquelles Hercules, que trabalhavam sempre, de noite, de dia, no confissionario, na intimidade da familia, na catechese longiqua e arriscada dos certões da America, na missão arriscada entre barbaros ou entre indifferentes, para chegar a tão suspirado fim.

O colloquio que este homem eminente tem por ultimo com

D. João v, já então rei, completa de todo a idéa grandiosa que se poderia e deveria ter d'aquella ordem, se ella obedecesse ao estatuto que lhe deixou o seu fundador; se não fossem homens ambiciosos que a pervertessem; e se principalmente a houvessem entendido e praticado como a entende e explica Rebello da Silva no seu livro. Quando não fosse outro o merito da obra, bastaria esta creação, e, por detraz d'ella, a idéa magestosa de reconstrucção social que se infere do que nos diz o padre Ventura dos intuitos e esforços da Companhia, para se apreciar, não o padre Ventura, nem a Companhia, mas o escriptor eminente, que pela força de uma alta intelligencia conseguiu dar auctoridade, prestigio e sympathia a coisas e a homens que tão decahidos andam no conceito universal. É este um grande merito de Rebello da Silva.

Mas não são estas as unicas creações notaveis da *Mocidade*, porque junto do geral dos jesuitas fez o auctor apparecer, e no mesmo plano, o secretario das Mercês de D. Pedro II, Diogo de Mendonça Côrte-Real, homem notavel que se distinguiu na historia politica do tempo, e não só na habilidade e consummada experiencia com que dirigia os negocios do Estado nas suas relações interiores, senão em tudo que respeitava ás difficuldades diplomaticas da época, chegando a ser celebrado pela sua sagacidade entre os diplomatas de Luiz XIV e Luiz XV. N'este personagem subsiste um grande estudo historico de certo, e de subida valia; mas talvez quem bem o inquerir e analysar achará no celebrado ministro de D. Pedro II e de D. João V, não raros nem inequivocos traços de uma phisionomia notavel, que a historia contemporanea já registou de certo, e que a todos nós lembra ainda com saudade. Entre um e outro havia por ventura semilhança completa, e foi talvez d'esse accordo que saíu tão vivo e perfeito aquelle personagem, porque só da inferencia das memorias e opusculos do tempo não se reconstruem e levantam vultos tão acabados. A musa da comedia não inventa; colhe os ridiculos, e n'elles exprime os defeitos da sociedade, flagellando-os. Como o fogo da estatua de Pygmalião, anima só o que já tem fórmulas conhecidas. Diogo de Mendonça não é outra coisa senão um personagem da grande comedia politica d'aquelles tempos; e para saír perfeito, ou tinha de ser conhecido ou copiado, porque as illações são impotentes para tamanhos resultados.

Em roda d'estas figuras, que resumem o pensamento philosophico do romance, e atam as principaes molas da sua acção, vêem-se as figuras burlescas do commendador Telles, erudito de sala, que sabe da existencia das pyramides do Egypto, porque ha estampas que as reproduzem; o antiquario Abbade Silva, cujo conhe-

cimento dos segredos da archeologia não vae muito além da decifração dos caracteres de quaesquer codices ou lapidas, que um menos máo latinista leia correctamente; o beato Thomé das Chagas, e a senhora Perpetua das Dores, comitiva de typos comicos que o espirito de Scarron anima e o lapis de Chan exaggera com os seus rasgos malignose grutescos, d'entre os quaes sae, como uma excepção, que a custo se escapa d'estas influencias da comedia, a figura agradável e galharda de Jeronymo Guerreiro, amante e militar, transparecendo-lhe na phisionomia turbulenta o fogo e a resolução de qualquer d'estas alternativas porque tem passado a sua existencia.

Emfim, Rebello da Silva, não é um romancista de imaginação nem de sentimento; mas, espirito fino e satyrico, occupa de certo o primeiro logar entre nós como escriptor da escola de Sterne, Chamisso e Swift. Observador perspicaz, a ponto muitas vezes de tocar a minucia; habil em colher em flagrante os ridiculos da sociedade; imaginoso e facil na narrativa, genero em que ostenta todos os thesouros de uma erudição sempre viva e opportuna, assim como as gallas do idioma, que elle conhece e adopta a todos os generos como poucos; propendendo com instinctiva facilidade para o faceto, mas sabendo-se precaver a tempo contra essas tentações do genio malevolo da satyra, quando a gravidade do assumpto o põe acima dos chascos da inspiração comica, reunidos emfim e dotado com todas estas qualidades, Rebello da Silva deve ser tido principalmente como um pensador e um critico. Vê-se no acinte com que flagella certos personagens, que é inexoravel contra os nescios, e tem razão, porque é a peor praga que Deus deitou ao mundo. É ordinariamente com a espada de dois gumes do motejo afiado na ironia, que entra n'estas pelejas. Rabellais, Cervantes e Molière são os monarchas d'este genero, e Rebello da Silva, que tanto os tem estudado, que tanto os trata e decora, não póde deixar de os seguir, mui principalmente quando as tendencias do seu espirito caminham provocadas pelos sorrisos malevolos do demonio da analyse, e os objectos para que lhe aponta o dedo do Satanaz do grutesco são algumas d'estas creaturas que enchem o mundo dos seus ridiculos e da sua insufficiencia,

Mas, caso notavel: Rebello da Silva encerra em si duas entidades completamente oppostas, quando se analysa n'elle o jornalista e o orador politico: o jornalista, encontra-se muitas vezes com o verrinario; e o deputado jámais sae dos limites naturaes da questão dos principios, para disparar as invectivas pessoases que ultimamente tanto se cruzam nos parlamentos modernos. É este de certo um dos phenomenos do seu espirito. Isto não quer

dizer que Rebello da Silva tenha sido um escriptor politico que só maneje as armas da aggressão; e que o devam unicamente considerar como uma penna aparada para o pamphleto, ou fecunda em diatribes; mas tendo militado desde 1840 na opposição, d'onde raras vezes saíu, o seu estylo inspirou-se de certo da violencia que as desintelligencias partidarias tem levado ás diversas parcerias politicas.

No entanto, é preciso dizel-o, e com louvor para Rebello da Silva, sobre tudo n'estes tempos em que a consciencia do homem publico é thermometro que se eleva ou abaixa debaixo unicamente do influxo do ambiente governativo: foi sempre no campo moderado, e como defensor dos bons principios constitucionaes, que o temos visto militar. Escrevendo de comêço n'alguns jornaes, tomou por fim a redacção da *Carta*, como primeiro redactor, em companhia de Mendes Leal e Silva Tullio; e em 1852 escreveu quasi só o jornal a *Imprensa*. Em qualquer d'estas folhas se mostrou o publicista notavel, que largos e profiados estudos em administração e economia politica haviam preparado, e que o conhecimento da historia fecundára. Todos se recordam ainda dos bellos artigos que a impressão de momento fazia accudir á sua penna; porque Rebello da Silva, sobretudo na vida jornalistica, poucas vezes escrevia que não fosse com essa rapidez admiravel que só conhecem aquelles que tratam de perto com as exigencias quotidianas do jornalismo politico. Esta fecundidade é um dos distinctivos do seu talento, tão facil e espontaneo em moldar-se na fórma que o assumpto lhe determina. Porém, esta facilidade n'elle não é sómente um resultado de vivacidade de imaginação e dos dotes repentistas que todos lhe reconhecem; porque Rebello da Silva não é dos escriptores que tomam a penna, e se entregam com ousadia temeraria aos acasos da inspiração. Esses escriptores, que, como a aguia, contam mais com as azas do que com a cabeça, se muitas vezes arrancam vôos como a rainha dos ares, que fendem o espaço e vão buscar apenas pouso no cimo de erguidas penedias, outras tambem se sentem sem tino nem norte envolvidos na escuridão do primeiro nevoeiro que paira na atmospheria. Rebello da Silva não improvisa, escreve com incrível, com admiravel velocidade; e escreve assim, porque n'elle a idéa já está elaborada e condensada na sua fórma mais concisa e facil. O manifestal-a é apenas um processo, que effectua sem esforço.

D'estas suas polemicas jornalisticas ficou na memoria de todos mais de um escripto notavel. As questões de direito publico e de fazenda acharam sempre n'elle um escriptor, que á lucidez da ex-

posição juntava o conhecimento exacto e cabal das materias de que tratava. N'outro genero tornaram-se celebradas as analyses das camaras, publicadas diariamente no periodico a *Imprensa*, apreciações feitas ao correr da penna, e em que esta se trocava muitas vezes pelo stylete de Juvenal, indo ferir de morte os Hortensios certanejos que então, como em todos os tempos, infestavam a tribuna parlamentar.

Rebello da Silva, ainda mesmo entregue ás tarefas da politica, que em espiritos menos fecundos esterilisa sempre o ideal e atam os vãos a tudo que não seja rastejar no terreno das questões positivas, conservou sempre o seu logar mais ou menos activo na imprensa litteraria. Foi n'um d'estes intervallos mais desoccupados, que elle deu a lume os *Fastos da Igreja*, obra que promettia mais larga duração, e que, com pesar para os amadores das letras sacras, ficou só no primeiro seculo do christianismo. Os trabalhos da critica devem-lhe porém bastante; e pena é que a *Memoria sobre Elmano*, magistral dissertação que precede a ultima edição das obras de Bocage, assim como a erudita colleção de artigos ácerca dos *Poetas da Arcadia*, não fossem seguidos de outros escriptos do mesmo genero, com que muito ganharia a historia da nossa litteratura e a philologia em geral. Poucos, como Rebello, aquilatam melhor o valor de qualquer obra, e lhe notam as bellezas e os defeitos. Sem excluir a analyse, antes partindo d'ella, e da mais profunda, para chegar aos resultados da apreciação geral, o seu talento, naturalmente propenso ás consubstanciações syntheticas, como todos os talentos altamente espiritualistas, e por isso generalisadores, levanta os themas litterarios a uma grande altura, e é d'essas regiões que os desenvolve e aprecia, genero de critica em que ha de Villemain e Guizot, mas em que ha ainda mais d'aquelle que d'este, porque esta sorte de critica, mais ideal que de uma rigorosa dedução scientifica, foge de toda a fórma de ensino e solta vãos, a que a sensibilidade e os arrebatamentos da phantasia impellem o pensamento, quando o ferem algumas das fórmas do bello.

Como orador, Rebello da Silva é uma das palavras mais correctas e inspiradas da nossa tribuna. Antes de chegar ao parlamento, o seu tyrocinio oratorio havia já sido longo e auspiciado. Vimol-o, mancebo de 17 annos, começar n'esses ensaios de discussão na Sociedade Escolastico-Phylomatica para ir progressivamente conquistando creditos e triumphos, até chegar á arena politica, onde os largos horisontes dos debates parlamentares lhes offereceram o ambito, o ar, e o fogo a todos os arjos do seu verbo audaz.

Foi em 1846 a primeira legislatura de que fez parte. A sua estreia era desejada por todos que lhe conheciam os recursos do talento oratorio. O assumpto porém, em que primeiro medio as forças, foi n'um assumpto arido e pouco sympathico, porque foi no grande debate que se levantou ácerca das eleições do Algarve: mas a amenidade que conseguiu dar-lhe, salgando-o até de chistosas allusões, prenderam logo a camara toda á palavra fluente, illuminada de imagens, aguda e penetrante de conceito. A imprensa festejou a sua apparição, e os certames politicos contaram com um athleta de mais, que promettia ser tão destro nas evoluções estrategicas da controversia, como nas investidas temerarias da opposição aggressiva. Já versado nos negocios publicos pela sua assiduidade no jornalismo, todas as questões lhe pareceram familiares, discutindo com facilidade as economicas e mostrando raro cabedal de conhecimentos nas administrativas.

Mas como orador, Rebello da Silva, pela sua indole, pelas suas tendencias, pelos rasgos do seu espirito e pelos arrojos da phantasia, que lhe refulge na phrase e illumina a idéa, é ainda mais um orador academico, que um orador politico. Vê-se que aquelle bello talento, educado no estudo dos bons exemplares da antiguidade e contemporaneos, rico de tôdas as louçanias que vestem o pensamento das fórmulas mais opulentas e attractivas, talento tão inclinado a ampliar em grandes theses todas as questões, e a vestil-as das flores de uma imaginação viçosa, risonha e perfumada; vê-se que talento assim o não creou Deus para voar entre os matagaes das argucias sillogistas da falsa-fé partidaria, e ainda menos para perder o viço e a flor na aridez dos problemas economicos e financeiros. Percorre esse terreno, e com segurança e arrojo, porque a aguia tão bem corta os pequenos espaços, como vóa pelas grandes alturas; mas a critica lamenta que forças tão possantes e esmeradas se percam n'outros commettimentos que não aquelles para que a Providencia as fortaleceu. Lamartine, em França, e Almeida-Garrett, em Portugal, são os dois representantes d'esta, diriamos escola oratoria se tivesse discipulos e lhe fosse dado grangear seguidores; mas não é facil; e Rebello da Silva, imitando estes dois principes da tribuna, patenteia mais uma vocação especial do que segue os preceitos de tão grandes modélos.

Um dos grandes triumphos oratorios de Rebello da Silva, o maior talvez pelo quadro de circumstancias que o rodeava, foi o seu discurso a respeito do Acto Addicional em 1852. Militava então na opposição, e no banco dos ministros sentavam-se homens da craveira de Rodrigo da Fonseca Magalhães, do duque de



Saldanha, de Antonio Luiz de Seabra, e do visconde d'Almeida-Garrett. Este gabinete, que resumia as celebridades que as letras patrias, os triumphos do fóro, os louros da victoria, e as magnificencias da oratoria parlamentar apresentavam de mais illustre na scena da politica, tudo isto estava em frente do deputado Rebello da Silva. Em roda grupava-se-lhe uma camara, que, sem acinte, nem desaire para nenhuma parcialidade, podemos com segurança classificar como o mais selecto e illustrado congresso nacional, que nunca o voto publico trouxe a S. Bento. Acabava de orar o auctor de *D. Branca*. A sombra que este grande vulto projectava sobre todos que se lhe approximavam, quando se erguia para fallar ou para escrever, era sempre immensa. Na tribuna, como nos dominios da poesia, os thesouros do seu saber e as pompas da imaginação, florejavam-lhe dos labios, deixando todos suspensos e attrahidos. Foi debaixo de uma d'estas impressões que Rebello da Silva se levantou para responder ao visconde d'Almeida Garrett. O joven deputado tinha-o ouvido, como o resto da camara, e isso bastava para lhe arrebatat todos os sentidos e fazer esquecer o papel de antagonista. E Rebello da Silva era um dos mais sinceros e entusiasticos admiradores do visconde; mas o debate havia-o empenhado, e era mister sair-se com honra do empenho. E saiu.

Rebello da Silva levantou-se, e inclinando-se com respeito diante do chefe da nossa litteratura moderna, soltou algumas palavras de exordio, que foram o bastante para attrahir em roda de si a camara toda. Galerias e deputados, tudo se tornou de repente presa da tensão geral, que concentrou n'um só todos os sentimentos. Foi um certame que exaltou a tribuna portugueza, honrando ao mesmo tempo os dois contendores.

Ainda me lembro d'essa sessão, uma das mais notaveis do nosso parlamento. Os deputados todos, attrahidos, haviam descido dos seus logares, e cingiam o orador como de um circulo de admiração, permanecendo em torno d'elle. Os applausos não conheciam nem direita nem esquerda da camara: havia só o entusiasmo que dominava as imaginações, e que coroava, nas palavras do talentoso deputado, o publicista e o orador.

E quem diria que decorridos tres annos apenas a mesma voz havia de soltar-se sobre a campa do grande poeta, para lamentar tão irremediavel perda! Foi talvez um dos momentos de mais viva angustia para o coração do amigo e do discipulo: mas a solemnidade do concurso, a agonia que fundo cavára os seios de alma, as sombras da eternidade que já envolviam o nobre findo, dando-lhe mais fulgor á auréola de que a posteridade cercára

o seu nome, todo este conjuncto de circumstancias tristes, mas que arrebatavam a phantasia para as regiões do mysterio e da contemplação, feriram a sensibilidade e a imaginação de Rebello da Silva, as duas mais poderosas e dominantes faculdades do seu talento de orador. Nunca a saudade do amigo arrancára mais sublime vôo á melancholica e solemne eloquencia dos tumulos! N'aquella dôr houve uma sublimidade sem esforço, porque gemeu no fundo da alma, antes que o talento a tomasse nas azas douradas da inspiração.

Rebello da Silva é actualmente membro do Conselho Superior de Instrucção Publica, logar onde pôde fazer valiosos serviços á instrucção e ás letras. A Academia das Sciencias honra-se de o contar no seu gremio já ha annos, e os trabalhos que essa corporação lhe tem incumbido mostra o alto conceito em que tem as suas forças e os seus bons desejos. *O quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal*, começado pelo visconde de Santarem, é um d'estes trabalhos que o distincto academico vae proseguindo, precedendo os volumes de luminosos prefacios em que algumas das épocas da nossa historia, devassadas com segurança de uma analyse conscienciosa, nos patentêiam muitos dos segredos dos seus principaes acontecimentos.

Da Imprensa Nacional está tambem para sair a lume a *Historia da Restauração de 1640*, obra para que o laborioso escriptor já havia colhido materiaes em diversas épocas, e que agora conseguirá publicar, com applauso dos apreciadores dos livros de verdadeira utilidade.

Actualmente Rebello da Silva foi escolhido por Sua Magestade, o Senhor D. Pedro v, para tomar conta da cadeira de historia patria, no Curso superior de letras, que este principe, com o zêlo e amor litterario que todos n'elle admiram, creou ha pouco, e que em breves dias começará as suas prelecções. Os seus conhecimentos especiaes n'este grupo das sciencias moraes e politicas, já attestados em tantos documentos, dão-nos um seguro abono do quanto poderá valer o seu auxilio n'este curso. É n'estes trabalhos de exclusiva analyse critica, e em que os seus conhecimentos historicos tanto nos podem aproveitar, que o quizeramos ver sempre concentrado. A politica, como uma nuvem negra que por vezes tem passado por diante d'aquella brilhante imaginação, tem-no roubado ás letras em diversas

épocas, mas agora, empenhado em tão grandes compromissos, e vendo diante de si um futuro de gloria, mas de grave e impreterivel responsabilidade, é de suppor que as suas vistas se dirijam unicamente para este ponto, que póde ser, que ha de ser—affiançamos-lh'o—um dos seus mais esplendidos horizontes de reputação litteraria.

J. M. D'ANDRADE FERREIRA.

OUTRO CASAMENTO



Ora, eu te conto, meu caro Biester, a mirífica historia de outro casamento. Se, quando vieres ao Porto, quizeres indagar a veracidade do conto, eu te levarei ás fontes de auctoridade, n'este e quejandos escandalos, se é que devem chamar-se escandalos umas cambalhotas que a dignidade humana dá n'este circo de volatins.

Vinte annos ha que a cidade eterna tinha, pelo muito, oito elegantes.

O peralta, o casquilho, o petimetre, antes da nobilitação do bachoheiro, nunca poderam apégar n'este burgo. O raro fidalgo de stirpe seria namorado, femieiro, e até immoral, se quizerem; mas era-o lá com a parentela. A burguezia modesta ignorava os costumes da raça heraldica, porque primos e primas, com resguardo lá se desinfastiavam dos tedios da ociosidade no recesso de seus solares, de theor e geito que o escandalo não coava dos reposteiros.

Com o elegante improvisado não acontecia assim. A emancipação das costumeiras plebeas fizera-se com estrondo. O rapaz indinheirado achou-se de repente senhor do campo, onde, por espaço de seculos, as flores da virtude tinham viçado e amarellecido desapercibidas como boninas da serra que o montanhez despreza. Os avós do elegante haviam considerado a mulher como femea do homem simplesmente; o neto, porém, aquecido ao sol d'este seculo, entendeu que a mulher era um luxo da civilização.

Civilisar-se o coração de subito, nascerem aspirações para o ideal

imprevisto da mulher, em homens que pareciam herdar a bruteza avoenga, é isso coisa de prodigio, que os mais illuminados explicam pela idéa do progresso universal. Contestam outros aquelle parecer, negando o progresso da materia inerte, cuja vitalidade em alguns individuos se manifesta sómente na sobre-posição de camadas de adiposas. Eu de mim, espectador indeciso d'estes e d'outros phenomenos, faço o que fazia o padre Antonio Vieira, em presença dos disparates do seu tempo: *admiro-me*.

O certo é que a methamorphose se operou, não só no espirito, se não que na materia. Fórmulas lerdas e desasadas, corpos desairados, denunciando d'uma genealogia plebea, apresentaram-se finos de cintura, mimosos de mão e pé, e em tudo de raça fina. O desbaste do joanete hereditario é coisa de milagre. Para os peraltas do Porto, ha vinte annos, o verniz das botas e o colete de barbas, e o cinto afivelado, deviam de ser mais exercuciantes que o leito de ferro do famigerado salteador da Attica. Primeiro que as carnes fôças á custa de apertamentos distillassem os succos atocinhados, cruas deviam de ser as angustias da natureza entalada.

Asseveram-me que algum elegante de 1836 conseguira desmaiar o escarlate nativo do rosto por meio de jejuns e insomnias.

As damas liam n'esse tempo soffregamente os romances de Arlin-court, cujos portogonistas eram pallidos e arganazes. Era moda então ser pallido; porém a gorda natureza do Porto avermelhava a nediez facial de seus filhos como se exultasse em mangal-os. D'uma geração de Sanchos fez-se artificiosamente uma prole de Quichotes. Sileños a gerarem Cupidos, era por de mais! A disparidade do ventruado e mazorrado progenitor com o aprumo, magresa e entezamento do producto filial, era coisa de pasmar. Tal d'este havia ahi, que, no auge de sua injuriosa vaidade, chegou a julgar-se descendencia equivocada d'aquellas que meramente se legitimam no *pater is est quem nuptiæ demonstrant*.

Januario Ferraz era, em 1839, um dos oito abutres que pairavam sobre as avesinhas incautas d'este ninho de virtudes, chamado Porto. Em quanto o honrado e laborioso pae, de barrete e sapato d'ourela, labutava e moirejava, nos armazens, a vida suja de mercador de azeite e sumagre, por grosso, Januario, com o subsidio monetario que a mãe lhe dava, e as sangrias extraordinarias á gaveta paterna, passeava de cavallo as ruas da cidade, e n'algumas, tres e quatro vezes, puchava do lencinho branco para assegurar ás desveladas victimas, por meio do simulado defluxo nazal, que as amava ainda.

Nomear uma por uma as candidas pombas que saíram depenadas

dás garras d'este milhafre, seria desgraçar muita senhora honesta no conceito de seus maridos. Já agora é caridade deixal-as fechar os olhos sem que vejam os olhos do mundo abertos. Se envelhecerem com a sua virtude sempre moça e pura como as estrellas; se até hoje, no arcano de sua consciencia, poderem sempre rir e pasmar da credulidade publica; se, incorreadas e feias, até ao terror, lhes resta, como desafogo, a faculdade de encarecerem as virtudes do seu tempo, e invectivarem o despejo da geração nova, deixal-as lá. Seria barbaro prazer assoalhar culpas, em si pequenas, mas de funestos resultados para a moralisação das filhas, tambem impollutas da maledicencia publica. A respeito d'estas, bom é que d'aqui a vinte annos, o chronista dos leões nossos contemporaneos, guarde a circumspecção e decoro litterario que se lhe dá como exemplo n'este romancinho.

Januario Ferraz, ao fim de tres annos de vida airada e escandalosa, conseguira derruir a robusta compleição do pae. A pouco e pouco os boatos da libertinagem do elegante, chegaram aos ouvidos do atterrado velho. Baldadas as reprehensões e ameaças de José João Ferraz, e os rogos de sua santa mulher, a sr.^a Maria Antonia, Januario fôra expulso de casa n'um momento de justificada colera. O azeiteiro pensára morrer, quando um credor de oitocentos mil réis se lhe apresentou, queixando-se da deshonorada palavra de seu filho.

Januario em poucos mezes, esgotou os expedientes de que tirava recursos para sustentar a vadiagem opulenta com que embellecava sorrisos das meninas casadoiras, e a complacencia d'alguns paes menos escrupulosos, sendo já n'essa época ave rara um pae escrupuloso n'esta terra, se o pretendente da filha abonava suas devassidões com uma presumptiva herança.

Achou-se Januario quasi pobre, e em risco de ser despedido da hospedaria em que vivia com cavallo e creados. Instancias e supplicas pessoas tinham encontrado contumaz e inabalavel a indignação do pae. A boa Maria Antonia já se havia desfeito do ultimo coração de oiro, que trouxera no seu inchoval de noiva, e que já fôra de sua mãe, a sr.^a Antonia Maria do Reguengo, rica lavradeira de Santo Thyrso. Suspeita a seu marido, achava sempre fechadas as gavetas, e o dinheiro para as frugaes despezas da cosinha era-lhe dado e ratinhado todos os dias para que ella não podesse cercear alguns vintens em favor do filho perdulario.

Chegado a este extremo, Januario Ferraz, antes de vender o cavallo, despedir os creados, e retirar-se para o Brazil, onde tinha um tio materno, tentou eleger d'entre as suas namoradas uma que lhe merecesse por seu dote e formosura o sacrificio de casar-se.

Tarde alvitrára o imprudente peralta este meio salvador. Era já publica a expulsão da casa paterna, e dizia-se que o velho Ferraz,

rancoroso até á crueldade, tractava de passar em vida todos os seus haveres, a uma filha já casada com outro azeiteiro muito sordido e avaro. Portanto, o desacreditado moço foi rejeitado pelos paes da primeira esposa que elegêra. Restavam-lhe ainda sete em que escolher. Despediram-no seis. Já desesperado, bateu á porta da setima.

Era esta uma das que elle cathalogára na lista das suas apaixonadas sem consequencias sérias. A mãe d'esta menina, e de mais quatro solteiras todas, em virtude da sua diminuta legitima paterna, era uma viuva de sessenta e dois annos.

Foi Januario Ferraz pedir a D. Caetana Mendes sua filha Jacintha. Respondeu a mãe que sua filha estava ás ordens do pretendente, se ella quizesse cazar; mas logo disse que a legitima paterna de cada filha não excedia a dois mil cruzados. Espantou-se Januario da pequenez do dote. Redarguiu D. Caetana que se não espantasse, porque era ella viuva a senhora de quasi toda a casa, em virtude de condições estipuladas na sua escriptura dotal e testamento de seu defuncto marido, vindo ella por consequencia a poder alienar, se suas filhas lhe não fizessem a vontade, o melhor de cem mil cruzados.

Ficou terrificado Januario.

Oitocentos mil réis mal chegariam para elle pagar um oitavo de suas dividas. Podia contar com vinte mil cruzados no futuro, por morte da sogra; a sogra, porém, ostentava pujança de vida capaz de fazer morrer de desesperação um herdeiro. O que fôra pretendido de tantas mulheres saiu da sala da viuva com o espirito aniquilado, e as avenidas da esperança fechadas e escuras.

Tomou a definitiva resolução de vender o cavallo, e fugir para o Rio de Janeiro. N'estes arranjos andava o lastimavel moço, quando a desgraça lhe quiz accrescentar os seus obsequios.

Jacinta, sabedora de que elle a fôra pedir, mas ignorante da resposta que déra a mãe, conjecturou que Januario fôra despedido, e resolveu dar ao seu amador uma extraordinaria prova de amor e coragem, fugindo de casa, e procurando-o na hospedaria.

Eram 9 horas de uma noite de Janeiro, quando Januario foi sacudido de uma especie de lethargia em que o deixára o meditar no seu destino acerbo.

Abriu-se a porta do seu quarto, e assomou Jacintha. Ergueu-se elle com turbado aspecto, e antes de desatar a lingua da surpresa, Jacintha apertava-o nos braços com fervente enthusiasmo.

«Aqui estou — disse ella convulsiva de ternura e susto — aqui me tens, Januario; sou tua esposa contra a vontade de minha cruel mãe. Eu esperei sempre que tu cumprisses a tua palavra e te condoesses das minhas lagrimas. Fiz-te a injustiça de suppor que me abandonavas, depois de me teres levado ao esquecimento de tudo o que mais

vale n'uma senhora bem nascida e educada. Perdoa-me a injustiça que te fiz.»

Januario queria dizer alguma coisa ; mas Jacintha não tomava folego, nem lhe desencadiava os braços do pescoço.

«A mãe queria a minha desgraça — continuou ella — depois que tu saíste, eu pedi á mana Eduarda que a sondasse para saber que resposta ella daria. A mana veio dizer-me que a mãe te havia tratado de modo que tu saíste da sala sem dizer palavra. Estive quasi a ir ter com ella e contar-lhe a nossa vida, imaginando que a confissão da minha culpa a tornaria digna do nome de mãe. Não pude, porque tu não imaginas como ella se infurece! Reciei que me moesse o corpo com pancadas, e me fechasse a pão e agua n'um quarto, como já fez á mana Francisquinha, quando ella fugiu cuidando que ia casar com um malvado que a tornou a entregar passados dias...

— É o que te ha de acontecer tambem a ti, minha pobre Jacintha ; mas irás immediatamente ; serei mais nobre que o outro — atalhou Januario.

Jacinta desprendeu-se de um sacão impetuoso, e recuou.

— Que dizes tu ! ? — exclamou ella, caindo extenuada sobre o canapé.

— Digo-te, infeliz, que não podes ser minha mulher.

«Porque ?

— Porque não tenho com que possa sustentar-me a mim, e menos o terei com que sustentar decentemente minha mulher.

«Isso é impossivel, Januario !

— É tão possivel, Jacintha, que eu trato de apurar algumas moedas com que possa transportar-me para o Brazil.

«Mas tu disseste-me n'esta carta duas horas antes de me ir pedir, que...

Jacinta tirou da algibeira um masso de cartas, e de entre estas uma que abriu e leu em tom entre ironico e lagrimoso :

«Vais ser minha esposa, Jacintha amada. Vou finalmente desmentir o conceito injusto que de mim fazias, assacando-me a calumnia de que eu aspirava a mulher rica, e teria a infamia de te immolar ao dinheiro, a ti, minha unica paixão, que cegamente te entregastes ao meu cavalheirismo. Quero provar-te de que não procuro riquezas, porque as desprezo. É o teu coração opulento de affectos nobres que eu preciso para a minha felicidade ; é...

— Não leias mais — interrompeu Januario com azedume e talvez colera — não leias mais, que eu sei perfeitamente o que escrevi.

«Pois se sabes... como podes dizer-me que eu torno a entrar solteira em casa de minha mãe ? !

— Porque menti. Imagina que empobreci depois que recebeste esse papel. Imagina que é fementida essa carta. Imagina o que quizeres,

mas recolhe-te quanto antes a tua casa, por que não é possível dares outra saída á imprudencia que commetteste, sem me consultares.

Jacintha ergueu-se subitamente, para ajoelhar aos pés de Januario, exclamando:

«O' meu querido amigo, não me deixes assim entregue aos maus tractos que eu vou soffrer. Olha que minha mãe mata-me, Januario! Se me não queres para esposa, decide do meu destino, que eu accetto tudo, tudo, menos perder-te, e talvez perder a vida.

A situação do filho do azeiteiro era realmente desconsolada! Não sabemos se o punham mais as clamorosas lagrimas da pobre menina, se a vergonha própria! Aquella carta fôra escripta na certeza de que a mãe de Jacinta dotaria liberalmente a filha, e, tambem não sabemos porque tolice, o homem quizera sustentar aos olhos da supposta noiva um desinteresse fatuo e parvo.

Jacintha, alentada pelo silencio de Januario, tirou do coração afflicto novas supplicas, qual d'ellas mais piedosa. Julgava tel-o movido á compaixão, quando elle, aferrado á ultima taboa de salvação, lhe disse:

«Lembra-me uma coisa. Poderás ainda ser minha mulher, se annuires ao que vou propor-te.

—Annuo, annuo a tudo que mandares, se não fôr entrar em minha casa.

«Pois é isso justamente o que é preciso que faças. Não te afflijas, minha amiga, escuta. Vaes para casa, e confessas a tua mãe a culpa que te ha de salvar. Ella de certo não quer a tua deshonra; provavelmente chama-me, e annue ás propostas que eu lhe fizer. Tua mãe dá-te oitocentos mil réis que é a tua legitima paterna; e eu farei que ella te adiante por conta da tua futura herança mais alguns mil cruzados. Sem isso não posso nem devo associar-te á minha pobreza. O arrependimento viria ao mesmo tempo para ambos nós. A miseria mata o amor, e prejudica as melhores intenções... Que respondes, meu anjo?

—Eu respondo que tenho de morrer sem ti, já me não importa que minha mãe seja o meu algoz. Offereço-te o sacrificio da minha vida. Sinto-me com forças para perdel-a na tortura lenta. Oxalá que este sacrificio diminua os teus soffrimentos. Nada espero de minha mãe. Se ella souber que eu sou culpada de uma falta, que só posso resgatar com dinheiro, essa mulher egoista que odeia as filhas, por que são mais novas que ella, lança-me á rua, e manda-me trilhar livremente a carreira do crime. Não saberei ainda que ella me repulse. Morrerei com uma só falta de que me absolve a consciencia. Para que eu morra basta-me só a terrivel idéa de que posso ser segunda vez culpada.

Jacinta irrompeu n'um chorar cortado de gemidos. Januario, mais torturado que compassivo, apertou-a ao seio, e articulou duas palavras que não exprimiam nada do seu pensamento.

«Pobre mulher!

—Pobre mulher!—repetiu ella, sorrindo o riso que doe mais que as lagrimas.—Aqui está o que é a compaixão dos homens! O que os indifferentes dirão de mim, quando souberem a minha desgraça, é o que tu dizes, Januario!... *Pobre mulher!*... com que piedoso desprezo me tractas!...

A scena continuava assim violenta de recriminações, quando á hobreira da porta appareceu a mãe de Jacintha com um creado ao lado.

A desolada menina ergueu-se hirta e convulsa. Januario fez uma machinal cortezia a D. Caetana que não podia fallar, affogante de raiva e cansaço.

«Este successo triste... — balbuciou Januario duas vezes, e não disse mais nada.

A velha deu um passo para dentro do quarto, e regougou com voz rouca e tremula.

—Eu logo vi que esta mulher perdida estava aqui. Estás bem avia-da comigo, minha menina...

Jacinta ergueu os olhos do chão, e relanceou-os pelo rosto de Januario.

—Já para casa — continuou a mãe, cerrando os punhos. — Lá é que se fazem as contas. Tenho mais vergonha do que teria se viesse aqui altercar n'uma estalagem.

E voltando-se de face, e formidavelmente feia, para o pallido seductor, continuou:

—O senhor não tem culpa; podia perseguil-o, mas esteja descansado que o não persigo. Os homens quando encontram d'estas mulheres...

«Lembre-se que é sua filha — atalhou Januario.

—É verdade, sr.^a D. Caetana — disse o creado — lembre-se que é sua filha.

—Pois por que é minha filha — replicou a furia, sacudindo vertiginosamente os braços, — é que eu a hei de castigar como já foi castigada outra, que está hoje curada dos ataques d'amor.

«Eu não tenho duvida em ser marido da sr.^a D. Jacintha — disse Januario.

—Não duvido; mas eu é que tenho duvida em dar-lhe hoje o consentimento. Antes de hontem, quando o senhor m'a pediu, dava-lh'a com os dois mil cruzados que ella tem; hoje, se a quizer, ha de disputar-m'a por justiça.

«Disputarei, sendo necessario, porém, se eu tiver de invocar a justiça n'este caso, hei de invocal-a tambem contra as violencias que a senhora praticar contra esta menina. A sr.^a D. Caetana ignora talvez que ha leis que punem o abuso da auctoridade que os pais exercem sobre os filhos?

— Como quizer — disse affoutamente a velha — vamos, Jacintha.
«Eu vou acompanhá-las — disse Januario, tomando o chapéo. — Espero que v. ex.^a não rejeite esta prova de consideração que dou á mãe e á filha.

D. Caetana não acceitou nem despresou a etiqueta. Januario, já na rua, offereceu o braço á velha, e a velha acceitou depois hesitando um pouco, o braço do cavalheiro! Desde a Batalha até á rua Formosa não trocaram uma palavra. Quando se ía fechar a porta da residencia da viuva, esta com ares affectuosos, disse:

— Não o mando subir, sem ter pensado mais de vagar a respeito d'este acontecimento. Espero que ainda nos vejamos com mais socego, sr. Januario.

«V. ex.^a promette-me não dar máos tractos a sua infeliz filha? disse Januario com brandura.

— Prometto esquecer-me de que sou mãe, e lembrar-me-hei de que v. s.^a é um cavalheiro.

Ora o fraco de D. Caetana Mendes era o darem-lhe excellencia, e o braço, quando esse braço não era o de algum seu conhecido de infancia, que parava na rua para fornecer os dedos e o nariz de simonte. Dos menores de quarenta annos, que a tractavam com confiança, muitos se haviam abalançado a uma declaração, movidos pelos cem mil cruzados limpos e seccos que faziam supportavel a distancia; mas esses muitos calculistas sordidos, ao approximarem-se de D. Caetana, esmoreciam, por que tudo o que a antiguidade inventou de feio e medonho a respeito das parcas eram dotes angelicos comparado ao deforme carão d'esta zombaria da natureza.

D. Caetana, viuva aos cincoenta e quatro annos, consumira os oito da disponibilidade em aspirações cuja pudicicia não ousou gabar; porém, o anjo da virtude não poderia tanto como ella conjurar os impetos deshonestos do peccado. Quatro mulheres assim explicariam exuberantemente a prevaricação de duas cidades que a ira de Jehova incinerou com chuva de fogo.

Estão as sensiveis leitoras anciosas por saberem que flagellos inflingiu a descaroadá velha á pobre menina. Vão admirar-se do poder do amor no coração de D. Caetana. Do amor?! sim, minhas incredulas senhoras, do amor. Pois não sabem que a velha ficou apaixonada por Januario desde que este lhe foi pedir a filha? Não sabem que o contacto do braço robusto do galhardo moço lhe coou um suavissimo calor que, chegado ao coração, se converteu em chamma, e a chamma em conflagração geral d'aquelles velhos tecidos que ardiam como alcatrão no peito calcinado de Caetana?

Foi, pois, o amor que amolleceu as rijas fibras d'aquelle furioso temperamento. Jacintha foi esconder-se no seu quarto, e, ao menor

rumor que ouvia, toda ella era uma convulsão. Passou-se a noite, e o dia seguinte sem que a mãe a procurasse. Na manhã do segundo dia, Jacintha foi chamada ao quarto de sua mãe.

«Resolvi que entrasses n'um convento por alguns mezes com uma creada — disse a velha entre affavel e imperiosa. — Estás resolvida a obedecer a tua mãe?

— Obedeço — disse Jacintha contendo uma explosão de lagrimas.

«Passados alguns mezes virás para a companhia de tuas irmãs, e terás a minha estima e o meu amor, como até aqui. Hoje arranja-se a licença para a tua entrada em Santa Clara, amanhã irei lá contigo recommendar-te á prelada.

Jacintha, pensando no seu destino, acceitou com satisfação o convento. Se Januario não queria ou não podia ser seu marido, era-lhe mil vezes mais toleravel a solidão do claustro para choral-o, em comparação dos tormentos que a esperavam na companhia de sua mãe.

Recolhida ao convento, Jacintha escreveu uma carta a Januario. Era um adeus até ao dia final. Não affirmo; mas alguém me disse que o filho do implacavel azeiteiro fôra procurar D. Caetana com a intenção de a fulminar com epithetos acerados pela raiva. Outros, porém, explicaram a visita do elegante fallido á viuva em consequencia de uma carta que ella lhe escrevêra, pedindo-lhe um encontro em que se dariam reciprocas explicações do procedimento de ambos.

É certo que Januario Ferraz foi a casa da viuva Mendes, dois dias depois de inclausurada Jacintha. Esta visita, duvidosamente interpretada pela opinião publica, foi seguida de outra, e outras, com grande espanto das irmãs de Jacintha, que eram sempre despedidas da sala, quando Januario se annunciava.

Operou-se uma admiravel reforma nos haveres de Januario, de subito, quando ninguem sabia explicar a fonte da receita. É certo que o azeiteiro continuava inexoravel. Os credores antigos davam como insoluveis os seus creditos. O cavallo continuava a ser offerecido. O dono do hotel perseguia com incansavel impertinencia o hospede fallido. E de repente, Januario Ferraz appareceu com um bonito tylburi, uma parrelha de orças, camarote de assignatura no theatro italiano, e a maior parte das dividas pagas.

Este afflictivo estado de duvida não podia sustentar-se sem matar de impaciencia os velhos amigos de Januario que elle abandonára, por que os vira desaparecer nos dias do infortunio.

Ao cabo de dois mezes, estava Januario Ferraz festejando os annos de uma actriz em alegre banquete na Ponte da Pedra, quando se viu appear uma figura impossivel de uma carroagem. Os boleeiros que haviam conduzido o rancho festival á Ponte da Pedra, riam com toda a expansão da sua justificada alegria, quando viram a mulher que apeava da

sege. Esta mulher entrou na loja da estalagem, e perguntou se estava ali no jantar um sujeito chamado Januario Ferraz. Como lhe respondessem affirmativamente, a velha mandou dizer ao conviva que estava ali sua mulher a procural-o.

Januario perdeu as côres escarlates do champagne em ebulição, e desceu tropego as escadas.

Era D. Caetana Mendes que o procurava, para lançar-lhe em rosto a sua infidelidade.

Rompeu-se, pois, o sigylo n'esse dia. Januario havia casado clandestinamente dois mezes antes com D. Caetana. As razões que elle inventára para ser secreta a ignominia, não as sei eu. Talvez a vergonha. Lamento-o e desculpo-o. A velha tragou longo tempo o calix das infidelidades. Quando porém lhe disseram que o seu Januario disbaratava dinheiro mysterioso em orgias de comicas, D. Caetana deixou rebentar a postema do ciume que lhe gangrenava as entranhas. Descobriu-se então uma infamia que só a necessidade pôde absolver.

Conclusão.

São decorridos dezanove annos. D. Caetana ainda vive com 83 annos; ainda ama, e quer ser amada. Quando suspeita alguma veleiidade do marido, ainda lhe resmunga, chammejando pelos olhos linguas de ciumento fogo:

«Januario, lembra-te que temos direitos eguaes..... Depois, não te queixes.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

**A Luiz Augusto Rebello da Silva dedica esta humilde
tentativa o seu amigo de coração**

Bullão Pato.

LILIA

PRIMEIRO CANTO

I

O POETA

Musa, o dia rompeu chuvoso e frio,
Eu não tenho um real, nem tu tão pouco,
Que és pobre como Job; por conseguinte
Que havemos de fazer?

A MUSA

Ficar em casa,
Discutindo as miserias d'este mundo.
Apras-te a idéa? Vamos, meu poeta,
Em que estás a pensar?

O POETA

N'uma aventura.

A MUSA

Não se póde contar?

O POETA

De certo póde.

A MUSA

N'esse caso approxima-te do lume,
Accende este charuto, e principia.

O POETA

Ha dois annos, um dia ou mais exacto,
Uma noite em que a lua resvalava
No firmamento azul, em que os modilhos
Do inspirado cantor da primavera
D'entre a balseira em flor se desprendiam;
Achava-me aspirando a branda aragem
Sentado no portal de uma vivenda
De modesta apparencia, e collocada
N'um sitio encantador. — N'aquella noite,
De que me hei de lembrar eternamente,
Tinham vindo esperar-me de emboscada
Alguns contrabandistas do parnaso,
D'entre os quaes destacava a face livida
De certo esguio e pesaroso vate
Por quem tu tens notavel sympathia.
Fugi! elles ficaram declamando
As primeiras estrophes de uma nenia!

Vinha rompendo abril: como já disse,
Serenos estava o céu, doce a bafagem,
E a rosa, a favorita, a bella noiva,
Por quem o rouxinol desde a alvorada
Solta a voz em prodigios de harmonia,
Corando abria o pudibundo seio
Aos doces carmes do adorado amante.

Passado pouco tempo esta cabeça
Começara a enredar-se em mil chimeras.
De repente uma voz sonora e fresca
Murmurou junto a mim. Era tão simples
Tão suave, tão meiga a melodia,
Tão infantil a voz! Voltei os olhos,
E descobri um vulto na janella.
Que figura ideal! alta, mas fragil,
Como astesinha de um arbusto novo.
A innocencia e virtude respiravam
N'aquelle rosto candido e formoso.
N'uma das mãos firmada a fronte tímida,
E na outra a madeixa loura escura
Que vinha em pittoresco desalinho

Espargir-se nos hombros de alabastro.
 Como o cantor da selva que inspirado
 Improvisava no florido bosque,
 Cantava ella tambem; ave innocente,
 Juntava mais um trilo ao hymno eterno,
 Que aos pés de Deus a natureza erguia.
 Oh! quão feliz seria quem no mundo
 Alcançasse as primicias d'aquella alma!
 Lembrei-me de as colher, e decidi-me
 A apparecer-lhe no seguinte dia.
 Com effeito assim fiz.

Era sol posto:

Cansada de correr pela campina,
 Tinha vindo sentar-se pensativa
 Nos degraus de uma cruz que se elevava
 No adro estreito de modesta ermida.
 Chegava emfim ess'hora em que saudosa
 A mente se dilata em magos sonhos,
 Hora em que alma absorta em gostos intimos
 Perde a consciencia do exterior da vida.
 Diversas nuvensinhas esmaltavam
 Para o lado do poente o firmamento.
 O bronze deu signal d'*Ave-Maria*.
 Ella ergueu-se, e depois firmando os joelhos
 Sobre os degraus da cruz, soltou dos labios
 A singela oração; passado instantes,
 A pomba estremeceu, mas de alegria.
 A viva chamma de amoroso affecto
 Brilhou no puro azul d'aquelles olhos,
 Quando nos meus attentos se fitaram,
 E um sorriso de angelica ternura
 Entreabriu os seus labios purpurinos.
 Eu peguei-lhe nas mãos alvas de neve,
 Que estremeciam apertando as minhas,
 E murmurei mansinho estas palavras:

«Sim, sou eu que tu tens visto,
 Tanta vez n'aquelles souhos
 Bellos, candidos, risonhos,
 Da tua idade infantil.
 És minha. Sou teu. A vida
 Para nós vae ser agora,
 Mais alegre do que a aurora,
 Mais florida do que Abril!

Oh que longas confidencias
 Nos esperam n'estes prados,

Que dias tão descuidados,
 Que instantes de tanto amor!
 Buscando ao crescer do dia
 Entre o bosque a sombra densa,
 Sentindo a alegria immensa
 Do sol, do campo, e da flor!

És minha: do céu proveiu
 O poder que a ti me prende,
 Mas diverso fogo accende
 O teu e meu coração:
 Tu no mundo és a innocencia,
 Eu sou na terra a poesia,
 Tu dás-me a tua alegria,
 Eu dou-te a minha paixão!

Dou-te as sombras da tristeza
 Que vão tão bem a teu rosto,
 Como as sombras do sol posto
 À rosa agreste do val.
 Recebes n'um meigo abraço
 Meu profundo sentimento,
 E dás-me o contentamento
 Do teu seio virginal.

Indisivel praser brilhou nas faces
 Da ingenua virgem, quando ouviu as fallas
 Que ha pouco proferi, e com ternura
 Disse cravando em mim seus olhos bellos:
 — «Orphã de paes, só tenho n'este mundo
 «Apenas uma irmã; nós habitamos
 «N'aquella casa que d'aqui se avista
 «Entre a verdura d'esse val ameno.
 «Já mil vezes em sonhos encantados
 «Eu ouvi tua voz, vi tua imagem.
 «Agora em fim és meu e para sempre.
 Não é verdade — dize?» — perguntava
 Com extremo, firmando-se ao meu braço.

Os pallidos clarões do astro saudoso
 Despontavam no céu; por entre as ramas
 A aragem sussurrava brandamente,
 E o rouxinol occulto nas balseiras
 Soltava algumas rapidas volatas,
 Exp'rimentando a voz que dentro em pouco
 Iria improvisar o hymno da noite.

Caminhámos ao longo da alameda
Que terminava em frente da vivenda
Onde Lelia (era este o nome d'ella)
Passára os dias da ditosa infancia.
Á entrada do portal dei de repente
Com a vista no pallido semblante
De uma bella mulher. Comprimentei-a.
Ergueu-se e veiu a nós sorrindo alegre.
— «É Julia, minha irmã» — disse-me Lelia.
Seguendi um rasgado cumprimento,
A que ella respondeu com a gentileza
De uma antiga marquezada da Regencia.
Convidou-me a subir eu dei-lhe o braço,
E accitei promptamente este convite,
No que fiz um chapado disparate!

(Continúa.)

BULHÃO PATO.

UMA VIAGEM

De como o auctor procura seduzir o publico defendendo a sua obra, que elle não julga immortal. — Exposição do assumpto feita com leves ares de mau humor. — Desdem mais scientifico que sincero do auctor por todas as grandezas da terra. — Nova maneira de considerar uma *mala-posta*. — Especimen dos colloquios ouvidos pelo auctor n'essas viaturas *maravilhosas*. — O que é em geral uma *camã* e quaes são as suas funcções em estalagem portugueza. — Memoria descriptiva sobre os attributos de um cavallo de aluguer. — Perfil de um almocreve. — Profundas considerações que não profundam coisa nenhuma. — Incommodidades, perigos, terrores. — Entrada em Aveiro. — Termo da peregrinação.

Est quoddam prodire tenus, si non datur ultra
HORACIO

Ha mezes, leitor, que nós comprehendemos e executámos, o que não é raro nem meritorio, (nem por tal o inculcamos) uma digressão de *torista*, de *amador*, ou (como melhor soar ao ouvido severo da musa do Lacio) desde as viçosas margens do Mondego, essa espiral de prata que abraça e fertilisa em seus resplendentes circuitos e meandros uma das zonas mais privilegiadas do nosso reino, até aos aridos plainos do *Sardão*, fronteira que extremava até ha pouco o reinado de duas civilisações, senão antagonistas, pelo menos mui diversamente cotadas no mercado da opinião, que o tem tambem como qualquer outra mercadoria, que se fabrica, vende, afere e consome.

Via-se ainda n'essas épocas nada remotas, e que estão mui longe de se afundarem na noite dos tempos, predominar, unico e despotico, com toda a sua côrte de manhas e tradições de coreographica memoria, o cavallo de almocreve symbolisando o tarduo progresso d'esses povos quasi bisonhos e primitivos, em quanto do lado opposto na zona mais contigua da capital, já se notava a pesada *caleça*, e o pesadissimo *churrião*, *amastodontes* do movimento, caracterisando um estadio mais avançado na genesis do progresso, e até já a *meteorica mala-posta*, esse infinito da perfeição mecanica no crêr d'aquelles que medem o *incommensuravel* pela curteza de suas vistas, ou ousam julgar do util pelo acanhado de suas aspirações.

Bem sei, leitor, que me *proponho* (É o verbo fatal da actualidade)

uma tarefa desesperada, senão impossível, procurando relatar-te as bellezas de um passeio, que as não teve, que foi apenas longo de alguns miseros e acanhados kilometros, que é tão ermo de interesse, como vasio de accidentes, e sobretudo que se acha manifestamente em opposição com esse grandioso e campanudo, que tanto apraz e delecta o espirito das innocentes maiorias.

Ouvir fallar de uma triste digressão desde Coimbra até ás lagôas da paludosa *Aveiro*, deve equivaler, para quem tiver de uso e costume o executar em sua casa longas viagens de circumnavegação em volta do mundo, a escutar as tenues melodias de um instrumento pobre e sem recursos, quando se sabe, quando se tem a persuasão de saber, julgar *à priori* e magistralmente da musica considerada na sua mais lata e esplendida manifestação — da musica que entoam os genios das florestas, da musica que se escuta nas longas solidões dos desertos, da musica ao mesmo tempo terrivel e imponente dos oceanos, e em fim d'essa inefavel e sublime musica dos céos, onde cada astro vibrando em uma eterna e sempre rithmada oscillação, forma um instrumento componente d'essa maravilhosa orchestra, que tanto nos assombra. Ou tambem, se quizerdes, o trocar as sedutoras miragens de uma grande viagem ás Indias que se não fez, que nunca se fará pelas importunas trivialidades de um passeio quasi hygienico ao *horto domestico*, donde apenas se podem recolher, como trophéo e testemunho da viagem realisada, algumas raras florinhas de um perfume mui circumscripto ou contestavel.

Vejo portanto, leitor que has de rir a bom rir d'este meu empenho, que te parecerá microscopico visto ao canudo da tua luneta de grande alcance; e persuadido tu mesmo de que és grande, por uma especie de reacção illusoria da vista sobre o espirito, desdenharás, compassivo d'estas pobres bagatellas que de nada partem, a nada miram, e a nada attingem. Porém enganas-te, leitor, porque não ha assumptos grandes nem pequenos, senão assumptos bons ou máos. Pertencemos ainda a esta escóla, onde o bom e o máo é que estabelece e fixa o valor das coisas e das pessoas. E depois quando se é tão pequeno como o homem não se tem o menor direito para achar pequeno seja o que fór. E visto que vou no caminho de destruir vaidades e aniquilar pretensões que podem ser attentatoria dos intuitos da Divindade, revelar-te-hei aqui de passagem leitor, um magnifico corollario da sciencia dos astros, que é ao mesmo tempo luz, e moral, o que oxalá possa ser tambem ensino, e conforto para o teu espirito; e cujo enunciado consiste: — Em que o homem e todos e tudo que com elle habita este grande globo denominado *terra* onde se labora um *indicifravel* mysterio, é considerado pela sciencia, como um ponto, uma sombra, um nada em vista do metro por onde se medem e contrapesam os infinitos

mundos que decoram a pagina mais religiosa e sublime do livro da creação. Vá lá ter vaidades, leitor, depois de haver adquirido este grande convencimento! E sobretudo vá ser impio ou atheu, se pudér! E perseguiam d'antes a sciencia, como inimiga irreconciliavel da fé! O que deviam era perseguir a ignorancia; porque essa foi e será de todos os tempos a promotora irresponsavel e unica dos grandes erros e impiedade *em todas as religiões*. Fôra para ver que a obra de Deus não podesse supportar a critica do homem, ou que a luz do sol dos soes houvesse acaso de ser offuscada com o tenue clarão do fogaz pyrilampo, que tal é a nossa imagem! O que é certo é que quando se logra attingir este elevado ponto de sciencia do mundo, que importa uma verdadeira revellação para o homem, faz rir tudo que por ahí se alcunha de *Grandezas* ou *Poderes* da terra. Os Cezares, Fredericos e Napoleões, esses assombros, terrores, flagellos, esperanças e divindades de cada época, e de cada povo, não passam de ser, vistos á luz d'esta sublime philosophia, privilegiados grãos de poeira que o raio do sol alumia um instante, para os abandonar depois ao nada que eram, e ao nada em que volvem.

Conheço os teus gostos e predilecções, leitor, porque pertenço á mesma familia. É para mim ponto de fé que preferirias gostoso a uma pinturinha de *genero* simples, desataviada, e innocente como esta promette ser, um grande quadro historico, dramatico, narrativa de mil peripecias, entretecida de lances felizes e calculados, de surpresas trazidas *ad hoc*, de castellos a perder-se na prespectiva aerea, de bandidos de olhar dardejante, de amores sempre funestos e fataes; de catastrophes sempre propinquas, de heroismos sempre faceis, e emfim de toda essa alchimia de ingredientes litterarios, com que a falsa arte, e raro a verdadeira, tem de uso servir-se para embair a sensibilidade, ou estimular o interesse dos que ignoram como se manipula no gabinete a emoção para os outros.

Nada d'isto, amigo, porque somos conscienciosos. A nossa tela, com quanto pobre, não possuirá falsos adornos, nem coloridos de theatro. Será a verdade na sua primitiva nudez; e se esta houver de incorrer no teu desagrado, fica-te sempre livre o recurso que Rosseau aconselhava contra os escriptos maus ou fastidiosos—*Rendons-les courts, en ne les lisant point*.

É uma grande verdade, e todavia um phenomeno physiologico a explicar ainda, o gráo de excitação que em nós produz o facto do movimento, quando levado a umas certas proporções. Dissereis que uma alma nova se gera subito no homem, e que por tal arte o transforma e exalta, que não é raro ver o mesmo individuo, sob o influxo d'este estranho principio, desconfiar da sua propria identidade, escutar-se com espanto, olhar-se com admiração, e até estar quasi a ponto de incorrer no grande

perigo de discutir *subjectivamente* o tremendo ponto philosophico do *eu* e não *eu*, esse que tanto delicia e obscurece a nebulosa musa do *norte*. Movendo-se, o homem sente-se outro; e a alma de todos os dias, inquieto|permanente, e representante official do seu valor no publico, muitas vezes se inquieta com estas perturbações de uma physionomia, que a ella só cumpre sustentar e defender. D'aqui vem o serem as narrativas dos viajantes quasi sempre feridas do arrojo, petulancia e phantasia; e tambem d'aqui se deriva a necessidade de applicar invariavelmente a esses relatorios concebidos e elaborados em instantes anormaes, o que se denomina em sciencia practica os *coefficientes de correção* que importam para a philosophia, o abater os arrojos da doutrina, ou tornar admissiveis os devaneos do espirito. Em todo o caso sirva-nos este preambulo de resalva contra todas as liberdades que possamos acaso permittir-nos no decurso d'estas peregrinações, que vamos emprender pelo paiz.

Do largo de Santa Cruz de Coimbra parte-se para o Sardão, em uma machina denominada *mala-posta*, e prefaz-se esse trajecto no lapso de tempo de algumas horas. Eis o facto.

Porém o que é essa *maravilha* que em linguagem de homens se chama *mala-posta*, que foi primeiro mytho, depois aspiração, mais tarde esperança, e hoje é realidade; que tanto deu que fazer a governos e governados, que trouxe em sobresalto o espirito publico, que fez gemer os prélos antes de fazer gemer os viajantes, e que emfim é a inveja dos que a não gosam, e o jubilos dos que a possuem?

Será habitação, jangada, navio, carroagem, solipede, dromedario, ou o que? Terá existencia tangivel, real, palpavel, ou será apenas uma concepção, um gnomo, um trasgo, uma phantasia, uma visibilidade, um sonho? Arrastar-se-ha como os reptis, andarás como os quadrupedes, nadará como os peixes, ou voará como a aves? Nada d'isso. A *mala-posta* tem sido calumniada até agora, e sobre tudo tem sido mal comprehendida. A *mala-posta* é apenas uma photographia, um retrato. Meio termo entre a caleça e o comboy das linhas ferreas, ella é a imagem fiel d'essa classe da sociedade denominada *classe média*. Semelhante em tudò ao seu espirito, ambições e arrojos de civilisação, a *mala-posta* é ao mesmo tempo o retrato e o orgulho d'essa grande familia, que vive entalada entre o nobre e o plebeu, e que suppondo ser util a ambos, é apenas util a si. Para-o verdadeiro *burguez*, o que não sabe mentir á sua origem e tradições, o caminho de ferro é uma especulação, que se póde e deve explorar, mas que significando um *jacobinismo* da mecanica, ou uma *anarchia* de movimento, jámais poderá alliar-se com os habitos ordeiros da sua vida chã e estavel.

Não acontece o mesmo com a *bonacheirona* da *mala-posta*, a qual

com os seus ares quasi academicos, e visos de bom porte e costumes é a mais propria para inspirar confiança e estima a esses amphibios da sociedade.

Tambem prepara-e-vos, charo leitor, se tambem fordes viajante, o que é uma hypothese de accumulção, boa de prevêr para ouvirdes até á saciedade cansados hymnos laudatorios, á similhança do chá de Tolentino, sobre as inauditas, miraculosas, insubstituiveis vantagens da tal machina, ou o que seja, sobre tudo o que se tem inventado, ou ainda possa vir a inventar-se. É uma tal obsecação de elogios que vos indis põe logo contra a tão decantada maravilha dos tempos *modernos*, como elles dizem: «Que bella coisa! Guagueja d'além um sôfo mar-chante estorcendo-se a custo no duro leito da tal ambulancia *inimitavel*. É a extrema commodidade!! E a segurança? Redargue outro, «deixando entrever por detraz do entusiasmo fingido, a falsa costella do potrão verdadeiro. E o governo como andou avisado no estabelecimento d'estes carros, que são de *triumpho* para elle. Diz um «terceiro que se suppõe politico e gracioso, e que vae assim infiltrando «na opinião publica (como elle deve dizer) a phrazezinha que lhe ficou, «trabalhosa, da leitura de algum jornalico da vespora.» O quarto viajante é o escriptor; e a respeito d'esse, guardaremos as reservas que a boa amisade nos aconselha.

Porém já as torres da igreja do Sardão se desenhm no horisonte, já d'elle se desprendem, logo avultam, mais tarde crescem e emfim chegaram, e nós somos entrados na villa, que não é o mesmo que entrar no paraíso, a não ser pelo primitivo do seu aspecto, ou pela triste nudez da sua *unica* rua.

Ora é forçoso pernoitar no Sardão, sob pena de se ir para os bosques, como um fauno, seduzir a lua com descantes, ou esperar inteiriçado o primeiro beijo da aurora, o que pôde ser poetico para muitos; porém commodo? Que o digam elles! Mas dormir no Sardão o que affirmamos nós?

Quanto pôde o estylo e as convenções recebidas!!

É factó que o publico assegura, e as maiorias attestam que se dorme no Sardão como em qualquer outra parte do reino; e que até muito se dorme ahí e de ha muito tempo; e como não seja prudente ir de encontro á opinião das maiorias, para não ferir a susceptibilidade dos principios, tambem nós affirmaremos que o Sardão é uma terra essencialmente narcotica e dormente. Porém quereis saber, leitor, o que se entende por uma cama n'essa terra abençoada, onde a curiosidade, ou antes a *mala-posta* nos levou?

Imaginae uma especie de monumento sinistro, erigido a custo no interior de uma alcova sombria, quadrado, folhudo, e por tal arte solemne e ameaçador, que vos gera logo um indisivel instincto de

affastamento, em lugar de vos attrair e convidar, como era, como devia ser, a sua principal missão.

Quem não conhece estas grandes machinas caseiras, que fizeram outr'ora as delicias dos nossos avós, que foram como os berços da monarchia, e representam as arcas de alliança das familias que se perpetuaram?

O modo de funcionar de uma cama no Sardão, e provavelmente de muitas outras que se acham dispersas pelas estalagens do reino, era o seguinte.

Deitava-se a victima na tal *eça*, que ao vél-a, dir-se-hia um monumento sério, e sem *caprichos*, e de repente quando menos o esperava, ao menor geito, á mais inoffensiva liberdade de movimento, eis o instrumento destinado á benefica paz do somno, a transformar-se por um jogo de equilibrios difficeis (*que oxalá fossem impossiveis*) em um instrumento acustico, especie de orgão desafinado e rouquenho, que vos acompanha implacavel e gemebundo durante toda a consumção da noite. Resulta d'aqui, em virtude d'esta mutação de scena, nada calculada, nem prevista, que o viajante acha-se inexperadamente a passar a noite n'um theatrinho lyrico da aldeia, esperando-a consumir na paz de um somno reparador e salutar.

Accresce ainda no *louvavel* intuito de proporcionar ao hospede a maior cópia de distracções possivel, o paramentar-se o tal *harmonico* como se fôra uma mumia do Egypto, de infinitas fachas de renda, e cascatas de folhinhos em differentes andares e de differentes debuxos, que vem pôr o complemento logico a este lyrismo de tortura. E como se a gente dormisse abraçado com um estojo de engenheiro. Pela manhã achamo-nos com uma triangulação completa no rosto, figurando então o nariz de pyramide principal n'esta carta improvisada. Deita-se a victima na boa fé suppondo ao menos possuir a propriedade do seu nome, váe se não quando, acha-se pela manhã *roubado* e escarnecido, porque de José que era, ou podia ser, vê-se reduzido a um Lazaro, em que fica. (Não confundir Lazaro com lazarista).

Póde-se realmente vir passar uma noite com gosto a uma paragem como a do Sardão, tão rica de boas condições e commodos.

Quando se tem a fortuna de *acordar vivo*: admira-se tanto engenho consumido no absurdo, e parte-se a toda a pressa para a cidade de Aveiro, se é para Aveiro que o viajante se destina.

De Aveiro ao Sardão vão tres leguas bem medidas, quer dizer *mal medidas*, leguas de *cogulo*, que recordam a bizzarria de nossos maiores. A partida matinal de um viajante de uma terra pequena, affecta sempre os ares de um acontecimento *local*. Accorda a povoação em peso para dar fé e saber do caso, vem logo os syndicos e sabichões da terra (essas *potestades eleitoraes*, como hoje se diria), inteirar-se da figura,

maneiras, procedencia e destino do que vae partir. Não tardam em seguida os reparos, as ironias mal encobertas, os conselhos d'arromba, as interrogações maliciosas, e emfim todo um interrogatorio, a que ninguem se póde eximir, sob pena de incorrer no desagrado da povoação, e de ter de força de espaçar por algumas horas a projectada partida; porque taes embaraços se urdem n'essa maçonaria improvisada, contra os mais inoffensivos desejos do *orgulhoso estrangeiro*, que elle sente em breve a necessidade de transigir de bom animo com estes vicios de campanario, a que mais tarde a luz da civilização ha de levar remedio, se o levar. Aluguei dois *caballos*. Sorri ao *povo* esse grande martyr da... eloquencia dos ambiciosos, ou dos pascacios, e parti para Aveiro.—Mas fallemos dos *caballos*, antes de fallar da partida.

Em geral um cavallo de almocreve é uma fera inhospita, suspeita, bisonha, d'olhar tristonho e atravessado, mal disposto *à priori* contra a entidade = cavalleiro = e sempre aparelhado, (mesmo quando o não está) para o combater por todos os meios que lhe suggere a sua moral, que póde valer talvez a de muitos publicistas, que para ahi fazem quotidianamente de evangelisadores do povo.

Diz a sciencia que esta *solipede* conta apenas sete *caninos*, e que demais, é *herbivoro*; pois o cavallo de almocreve parece zombar d'estas pretenciosas affirmações da sciencia, ostentando a miudo uma dupla bateria d'estes aggressivos instrumentos, similhando uma nesga de Gibraltar; e de dar ares nada equivocos de apeteecer uma *coxa* do cavalleiro, para lhe servir *d'hors d'œuvre* á sua alimentação official *scientific*.

A tactica do cavallo de almocreve reduz-se em geral a dois *aphorismos* principaes, a que elle obedece invariavelmente, e isto em todas as zonas e sempre, e em todas as circumstancias em que se acha; porque o cavallo de almocreve tem physionomia propria e immutavel que jámais desmente. 1.º Impedir que o cavalleiro o monte. 2.º Desfazer-se d'elle, derribal-o, fazel-o emfim cair do poder, quando já montado.

É claro que os seus meios de guerra tem de variar segundo a phase em que se acha a questão. É assim que no rompimento das hostilidades, o cavallo lança mão d'esses feios expedientes *mahometanos*, de que nos fallam com tanta simplesa e espanto os nossos visinhos peninsulares, na queixa que vem de formular á Europa ácerca dos máos costumes da mauritana gente. O cavallo morde ou tenta morder o cavalleiro, porque esta tactica comprehende-se no formulario do seu programma. Vel-o-heis tambem avançar, ladear, recuar, pôr-se em pé, emfim agitar-se em todos os sentidos do espaço, procurando evitar por todos os modos, que o cavalleiro... em perspectiva, ache alguma coisa de seguro em que se *estribar*. É n'este conflicto tambem que os estribos, *de uso de páo*, estimulam freneticamente os flancos do animal, dando o rufar inces-

sante d'estas grandes castanholas uma na outra, um certo colorido marcial a este primeiro reconhecimento dos dois inimigos. O cavallo defende assim a todo o transe a invasão das suas *costas*, como se fôra um *insular-orgulhoso*. Porém, uma vez transpostas as fronteiras, por qualquer surpresa ou manobra feliz do cavalleiro, começa então a segunda phase da guerra, que é de um character e fôrma absolutamente dissimilhanes, porque se a primeira se pôde dizer uma *guerra de invasão*; a segunda é uma guerra toda *social*; por quanto é a lucta do que está de baixo contra o que está de cima, ou a resistencia do opprimido contra o oppressor. É por isso que esta posição, que se não recommenda por li-songeira, é um estudo, e tambem um perigo; uma occasião para philosophias, e tambem um bom ensejo para quedas. As guerras *sociaes* trazem ordinariamente consigo estes perigos das quedas, que nem sempre deixam de ser desastrosas. Aviso aos socialistas... O cavallo muda pois de tactica, e o cavalleiro precisa tambem de se ter seguro na sua *sella*, afim de não cair n'algun logro do inimigo. Todo o governo é impossivel n'esta conjunctura. A lei e ordem que é n'este caso o *freio*, e dizem muitos que é sempre, sáe pela *barra fôra*, e fica-se logo em perfeita anarchia.

Para melhor attentar contra a estabilidade do cavalleiro, o cavallo faz prodigios de disequilibrio. É então que elle traça no ar com as extremidades posteriores cabalisticos signaes, que devem importar protestos eloquentes, á moda dos de muita gente, contra a iniqua tyrannia do homem rei. Tambem não é raro vê-lo n'estas occasiões, procurar por uma argucia d'estylo levar á *parede* o adversario, entalando-o entre as duas pontas de uma terrivel dylemma, ou *perna quebrada*, ou *cavalleiro a baixo*. Uma especie de abaixo o ministerio, como por ahi se diz todos os dias, o que demonstra que a tactica de opposição é mais do instincto, que do juizo.

Vê-lo-eis tambem recurvar-se em arco de flexa sobre a coxa do cavalleiro, procurando eliminal-a, afim de conseguir por este methodo analytico o desfazer-se do todo, desfazendo-se de cada uma das partes. Não será estranho vê-lo estorcer-se como um indemoninhado, saltar como um clonwe, metter os *pés* pelas *mãos* como um jornalista mercenario, - correr e parar subito, como se o instincto de vingança lhe ministrasse lições de physica: e ceder emfim, não convencido, que as *bestas* não se convencem; porém vencido pela força, que é a suprema, e talvez a unica rasão, para os animaes ferozes.

Tal é a physiologia de um cavallo de almocreve, no *Sardão* como em qualquer outro lugar, como em toda a latitude; porque o cavallo de almocreve tem *caratcer*, que o singularisa e distingue. O meu cavallo era elegante e brioso; porém tinha as prendas que vimos de lhe reconhecer; e o outro, conductor do almocreve e da minha bagagem, com

quanto lhe fosse identico no *moral*, não se lhe similhava no *physico* porque era pequeno, felpudo, musculoso e sombrio. Via-se logo que era um cavallo de baixa estirpe, mais tartaro que arabe. Tinha a nota de ingrato e de comilão na terra, porém obedecia como um recruta á chibata do almocreve, que fazia de rigoroso sargento n'esta escola de ensino. Era este almocreve um primor, uma joia, um typo perfeito e completo d'essa curiosa familia de almocreves que tende a extinguir-se. Tinha elle feito do trajecto entre o Sardão e Aveiro a sua *especialidade* (como hoje se diz em linguagem culta) além de possuir outras, que não memoraremos agora; e era por isso, que não cessava de preludiver a miudo, e com proficencia sobre o thema da estrada que elle suppunha sua, como o arabe suppõe seu o deserto. Era um *especialista* com todos os vicios d'essa apreciavel qualidade. Ai bellas! O senhor póde ir por aqui ou por ali como bem lhe aprouver. Obrigado meu povo, respondia eu; mas por onde é melhor e mais perto, se faz favor. Ai bellas! Tudo é o mesmo, e tudo lá vae dar. Tinha entendido. O homem era um sabio de *incruzilhada*, e possuia de mais um bordão, que lhe ía a matar, sobre que *esteava* invariavelmente as suas opiniões, que não eram nem lucidas, nem decisivas. Talvez por ahi, leitor, muito sabio de contrabando, muito especialista sem especialidade, muito espantallo da sciencia, cujas opiniões, se lh'as ouvirdes, mesmo no terreno das suas *ditas* especialidades, nem serão mais doutas, nem mais claras do que eram as do nosso almocreve, o qual não cessava de ir *molhando* a *palavra* a miudo nos raros repousos da sua facundia inexaurivel. E assim fui eu n'esta extravagante e original companhia, persignando-me até Aveiro, sempre com o credo na bocca, e esperando a cada instante o desenlace de um drama, cujos elementos, estavam postos, e em que o meu cavallo, passando a ser de *Estado*, lograria fazer-me o *cadastro* dos ossos, fiscalizando o outro por meios *rectro-activos* o volume que levava sobre o dorso, e que lá lhe ía parecendo de contrabando.

O caminho que do Sardão conduz a Aveiro, não é nem formoso, nem commodo, nem pitoresco, mas em compensação possui uma tal persistencia de monotonia, que lhe dá character e o torna recommendavel.

Na primeira legua atravessa-se por vezes um riacho, cujas margens são baixas e sombrias. Na segunda transpõe-se um pinhal, que não é nem fechado nem aberto: e por fim na terceira encontram-se alguns casaes, cujo aspecto risonho e quasi fertil vem quebrar um pouco a monotonia d'estas paragens tristonhas.

Aveiro visto de longe, quasi a perder-se no horisonte, offerece um aspecto mui singular que é difficil de esquecer observado uma vez. As pyramides de sal que lhe ornem as lagoas, similhando alvos monumentos mortuarios, destacando de um terreno baixo e escuro, e apenas avivado com as fitas de prata de uma abundante ria que fertilisa o paiz,

dão-lhe um tal colorido de melancolia e saudade que bem pôde explicar essas grandes e vivases affeições que seus filhos consagram, e que já são proverbias.

Aveiro, como cidade, tem pouco merecimento e nada a illustra, a não serem os filhos que tem dado á Patria, muitos dos quaes a tem servido com amor e distincção, avultando entre estes, um, que tem sabido ser ao mesmo tempo soldado, cidadão e tribuno. Hospedado mui particular e intimamente, por um amigo com cuja amisade me honro, e não me faltando nenhum dos confortos que só um gosto, classico e delicado sabe adivinhar, facil me foi esquecer a cama do Sardão, os cavallos e discursos do meu almocreve.

J. HORTA.

CHRONICA



D'esta vez o chronista apresenta-se diante dos leitores, como sempre desejava ter occasião de apresentar-se, isto é, cheio de novidades. E a novidade é a unica e verdadeira musa do chronista. Sabe-o elle, e sabem-no todos. A prova é que um procura-a quando escreve, e os outros procuram-na quando o leem. Inventá-se um romance, um drama, um artigo de critica, uma dança, um titulo, um contracto, inventa-se até um candidato, e tudo se accêta, porque tudo é possível; mas uma chronica é que se não inventa porque é impossível. A chronica só é chronica quando falla verdade; tudo mais pôde mentir e justificar os nomes que tomaram. Applaudê-se a mentira no drama, louva-se no romance, festeja-se na dança, accêta-se no titulo, tolera-se no contracto, diverte no candidato; mas rejeita-se na chronica. E com rasão. É o *to be or not to be* do poeta inglez. Finalmente a missão do chronista, segundo as melhores auctoridades, reduz-se a contar o que vê, e a dizer o que ouve. Cumpre-lhe todavia dizel-o bém, e contal-o ainda melhor—se pudér.

Ora felizmente d'esta vez, como já dissemos, temos muito para contar e muito mais para dizer. Novidades não faltam: novidades litterarias, novidades politicas, novidades dramaticas, novidades jornalisticas, novidades artisticas, novidades dansantes, novidades lyricas, e até novidades femeninas.

Daremos o primeiro logar á novidade litteraria.

Foi a apparição de um bom livro, de um livro interessante, de um livro digno da maior apreciação, tanto pelo assumpto de que trata, como pelo nome do seu auctor.

Referimo-nos á *Noticia historica do Duque de Palmella*, por Lopes de Mendonça. É o esboço biographico de um dos primeiros homens e dos mais eminentes d'este paiz, traçado por uma das pennas mais elegantes e das mais floridas que realçam a litteratura moderna. É uma apreciação franca e desapaixonada da vida politica do Duque de Palmella. O retrato está similhante e esplendido no colorido. Na palheta do artista haviam côres para assim o reproduzir.

É um bello livro pelo nome que inspirou, e pelo nome que o assigna.

Recommendal-o portanto, seria ocioso. Basta dizer que se acha publicado para atrahir a curiosidade. Todos os que apreciam as nossas coisas litterarias hão de querer possuil-o.

Para avaliar a obra não é a chronica o logar competente. A critica de um livro tão valioso, reclama maior espaço e só pôde aventurar-se n'um artigo especial. A *Revista Contemporanea* ha de apresental-o mais tarde, cumprindo assim um dever litterario.

Tambem vae sair a lume brevemente a *Historia da Restauração de 1640* por Rebello da Silva. Um livro precioso, necessario, e de subido interesse. Um livro que ha de servir para ensino e illustração. Finalmente um livro escripto pelo auctor da *Mocidade de D. João v*, e que ha de reunir a verdade dos factos ás gallas brilhantes do estylo.

Já vêem que tinhamos novidades litterarias e importantes; agora seguem-se as novidades artisticas.

Houve um concurso para o logar de substituto ao professor de pintura de paizagem na Academia das Bellas Artes. Foram concorrentes os srs. Christino e Leonel. Ainda que o triumpho parecia ter cabido na volação ao primeiro, e na opinião geral assim foi, comtudo a má fé e acintosa parcialidade do director tentam difficultar o resultado empregando até meios desairosos para quem os pratica, e dos quaes já appareceu uma prova no auto do concurso apresntado aos membros da conferencia geral, e que estava por tal fórma invertido pelo secretario de accordo com o director da Academia que obrigou a maioria d'elles a lavrar um protesto, sendo enviado ao sr. ministro do reino uma representação contra similhante procedimento, assignada pelos academicos de merito os srs. conde de Mello, Gerard, visconde de Menezes e Oeirense, e pelos professores Annuniação, Metrass, Sequeira e Sousa.

É este o segundo escandalo que ali se promove. Renova-se com o sr. Christino o que teve logar com o sr. Victor Bastos. São as mediocridades hostilizando os talentos superiores. Cuidam supplantal-os assim. Mas, enganam-se. Por mais que façam, a sombra d'elles ha de continuar a escondel-os. Victor Bastos já lh'o provou. No busto de Rodrigo da Fonseca e na estatua do conde das Antas lavrou-lhe a sentença. Negaram-lhe o premio do trabalho e do estudo; mas elle não desanimou. E novos estudos e novos trabalhos conquistaram-lhe a gloria. Os suppostos rivaes e o vencedor, ficaram, como eram, desconhecidos; e o vencido alcançou a primeira reputação de escultor entre nós.

Confiamos porém na intelligencia e illustração do ministro do reino que ha de resolver o negocio do sr. Christino, como é de justiça.

Agora vejamos os quadros dos concorrentes.

São dois quadros de paizagem; dois de fructas e flores; e dois de esbocetos. O quadro de paizagem do sr. Leonel no geral da composição offerece mediocre effeito prejudicando-lh'o ainda mais a tinta, que é fria e pouco brilhante. Primou todavia n'um accessorio composto de um rapazinho com dois perús. O grupo é gracioso, está naturalmente formado e foi pintado com delicadeza e mimo.

No quadro do sr. Christino a composição é mais grandiosa, e o clorido talvez exaggerado, mas esplendido, denunciando uma rica palbeta, que ha de valer mais quando for menos prodiga. O quadro de flores, é, segundo temos ouvido ás pessoas competentes, e julgando tambem pela nova impressão, o melhor que ultimamente se tem pintado no nosso paiz, o outro do sr. Leonel; nas flores fica-lhe inferior, mas nas fructas apresenta dois pecegos que chegam a despertar appetite e a dar vontade de os furtar.

Resta-nos fallar dos esbocetos. É n'estes que, a nosso vêr, se torna vidente a superioridade do sr. Christino. O do seu adversario nem sequer demora a attenção do observador; mas o d'elle captiva e atráe ainda mais a curiosidade que os quadros. E sabe o sr. Christino que nós preferimos o seu esboceto ao quadro? Pois é verdade, e crêmos que ha mais gente da nossa opinião.

Para sermos francos diremos até que este quadro de paizagem do sr.

Christino, não é dos melhores que o seu pincel tem produzido. Preferimos a *Vista do Mondego*, que adorna a galeria do sr. Estevão Palha, um dos raros amadores que a pintura tem no nosso paiz, onde ha bellas fortunas, mas cujos donos não hesitam gastar contos e contos de réis no Gardé ou no Gaspar para guarneçer as salas; mas duvidariam dispender cem ou duzentos mil réis n'um ou dois quadros de Annunciação ou Metrass. É que o dinheiro e a intelligencia varias vezes moram na mesma casa!

Que seria dos nossos pintores se não fosse o patrocínio que tem recebido de S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando? Como se haveriam fortalecido as vocações que appareceram, se as primeiras tentativas não tivessem encontrado acolhimento na galeria real? Que outro auxilio, que outro incentivo, que outra esperança tem havido até hoje para os nossos artistas? E assim como tem sido para elles rei-artista tornou-se agora para os homens de letras artista-rei. Abriu a sua galeria áquelles, e dá-nos uma galeria a nós! Honra a *Revista Contemporanea*, com a sua collaboração, e com o trabalho do artista realisa a protecção do rei. Para taes actos não ha louvores; contam-se apenas para deixar aos outros tecer-lh'os. São os mais significativos e os mais eloquentes. Acrescentaremos unicamente em seguida ao que deixamos dito, que a gravura que illustra este numero do jornal, é a terceira com que nos brinda o real colaborador.

Passemos ás novidades dramaticas.

Duas comedias conseguiram ultimamente attrair a concorrência ao theatro normal. Este salvaterio inesperado e pouco vulgar ali, deveu-se á actriz Delfina e ao distincto poeta Palmeirim. A primeira porque foi desenterrar dos archivos do theatro, a comedia *Flores e fructos*, imitação de Mendes Leal, que lá jazia esquecida havia perto de quatro annos, e condemnada, segundo ouvimos, pela direcção, como sem sabor; o que não admira que seja verdade, por que em preferencia a ella, escolheu para dois dias de gala outras duas comedias que julgou espirituosas a par d'aquella semsaborial!

A traducção do *Marquez de la Seiglière*, pelo sr. Palmeirim, veio depois prolongar o tal salvaterio. E é a elle, e só a elle que se deve. Foi uma boa inspiração que teve o distincto poeta quando se lembrou, entusiasmado por uma leitura que fizera do modelo da comedia moderna, de a verter para portuguez. E o mais é que a tornou portugueza, no dialogo. Era tudo a que se podia aspirar. Conseguindo-o venceu uma grande difficuldade.

O *Marquez de la Seiglière*, é a comedia mais perfeita e completa do repertorio francez. Por ora não lhe conhecemos rival. Reune á profundeza do pensamento muita valia litteraria; reune ao bello desenho dos caracteres o interesse ora comico ora dramatico; reune ao sentimento o riso de bom gosto. Cada personagem é um typo e representa uma idéa social. A interpretação de obras semelhantes torna-se extremamente difficil. Cumpre-nos todavia dizer, que, no theatro normal teve um interprete digno d'ella. Foi o sr. Rosa. O exito da comedia é principalmente devido á mestria com que este artista desempenha a difficil parte do *Marquez de la Seiglière*. Soube dar uma feição pronunciada e caracteristica ao personagem, que satisfaz o critico e alegra o espectador. Por isso uns e outros tem-se mostrado unanimes nos applausos, — e com razão. Theodorico tambem dispertou por vezes a hilaridade no astucioso e sagaz *Destournelles*. Tasso imprimiu ao character de *Bernardo Stamply* a dignidade que elle exigia. Pelo lado dos actores a comedia conquistou devidamente a acceitação que tem merecido: outro tanto não diremos pelo que respeita ás actrizes.

Helena de la Seiglière e a *Baroneza de Vaubert*, são duas bellas criações de Jules Sandeau, symbolisando n'uma a ingenuidade da donzella sensível pelo coração, mas activa pelas idéas que lhe insinuaram na infancia; na outra a malícia artificiosa e a finura da comediante de sala, que sob as apparencias mais seductoras e distinctas, promove a intriga para realisar os seus intentos amorosos, ou para satisfazer ambições de fortuna. A *Baroneza de Vaubert*, na comedia, pretende tornar rico seu filho, e emprega todos os meios ao seu alcance, que são muitos, versada como é nos artefícios feme-

ninos e auxiliada pela practica que lhe dão os quarenta annos que já conta, pois deve ser esta a idade da baroneza.

A sr.^a Manuela Rei teve alguns momentos felizes, mas a nosso ver, não comprehendeu bem o papel, privando-o completamente da distincção que reclama e exaggerando as scenas de sentimento, que deviam ser mais reservadas, attendendo á posição da donzella e ao seu character orgulhoso, apesar de meigo e cheio de bondade.

A sr.^a Gertrudes fez uma intrigante vulgar, aceitavel n'um melodrama, mas deslocada na *Marqueza de Seiglière*. Na primeira noite pretendeu envelhecer-se para apresentar a *Baroneza de Vaubert*. Depois nas seguintes emendou-se, e a baroneza ficou convenientemente reproduzida.

No beneficio do actor Tasso deve subir á scena o drama de Jules Lecomte, o *Luxo*, que agradou deveras em Paris; mas que duvidamos tenha igual fortuna no theatro normal. A distribuição ha de prejudicar a peça como ha de acontecer a todas que se lhe seguirem e que dependam de uma atriz dramatica. Drama sem este elemento é impossivel, e o tempo justificará a censura que fizemos no theatro, e continuamos a fazer.

Professamos verdadeira estima pelo ex.^{mo} commissario regio em quem reconhecemos a melhor boa fé e lisura; mas os actos, que, a conselho d'outros está praticando não podem merecer a nossa approvação. Custa realmente vêr que s. ex.^a preste de preferencia ouvidos, a quem ainda não fez senão compromettel-o, e comprometter a arte.

A questão do theatro normal é larga e o espaço falta-nos hoje. Reservamol-a para o seguinte numero.

É tempo de passarmos ás novidades lyricas.

S. Carlos deu-nos a *Favorita* e o *Macbeth*. Duas operas que fizeram fanatismo; dois enthusiasmos para os dilectantes, e dois triumphos para os artistas. Fraschini arrebatou na *Favorita*, m.^{me} Tedesco, reconquistou applausos que já tinha recebido n'esta opera. Os recursos do eximio tenor parece augmentarem sempre, as sympathias e os bravos crescem a cada nova revelação. Ainda não subio á scena uma opera que o publico não festejasse uma novidade no artista. Bartholini tambem colheu muitas e merecidas palmas.

No *Macbeth* a Lotti fez prodigios com a voz, e o publico attonito e maravilhado applaudio-a frenetica e estrepitosamente.

Finalizaremos a chronica com uma novidade dansante.

O clube deu o seu primeiro baile. A concorrência foi limitada. S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando, S. A. o Sr. D. Infante D. Luiz e S. A. o Sr. Infante D. João realçaram e animaram o baile com as suas presenças.

Lá nos esquecia porém outra novidade.

Os candidatos. Esquecia-me d'elles como talvez os leitores se esqueçam de muitos. A novidade porém, está só no numero. São quasi todos os homens conhecidos, e metade dos desconhecidos. Isto é pelo menos. Mas não se admire o leitor que d'esta vez o candidato não significa uma aspiração politica; representa uma monomania social.

ERNESTO BIESTER.